PORTUGUÊS

The Reason is You

Guapoduo Fanzine

Sumário

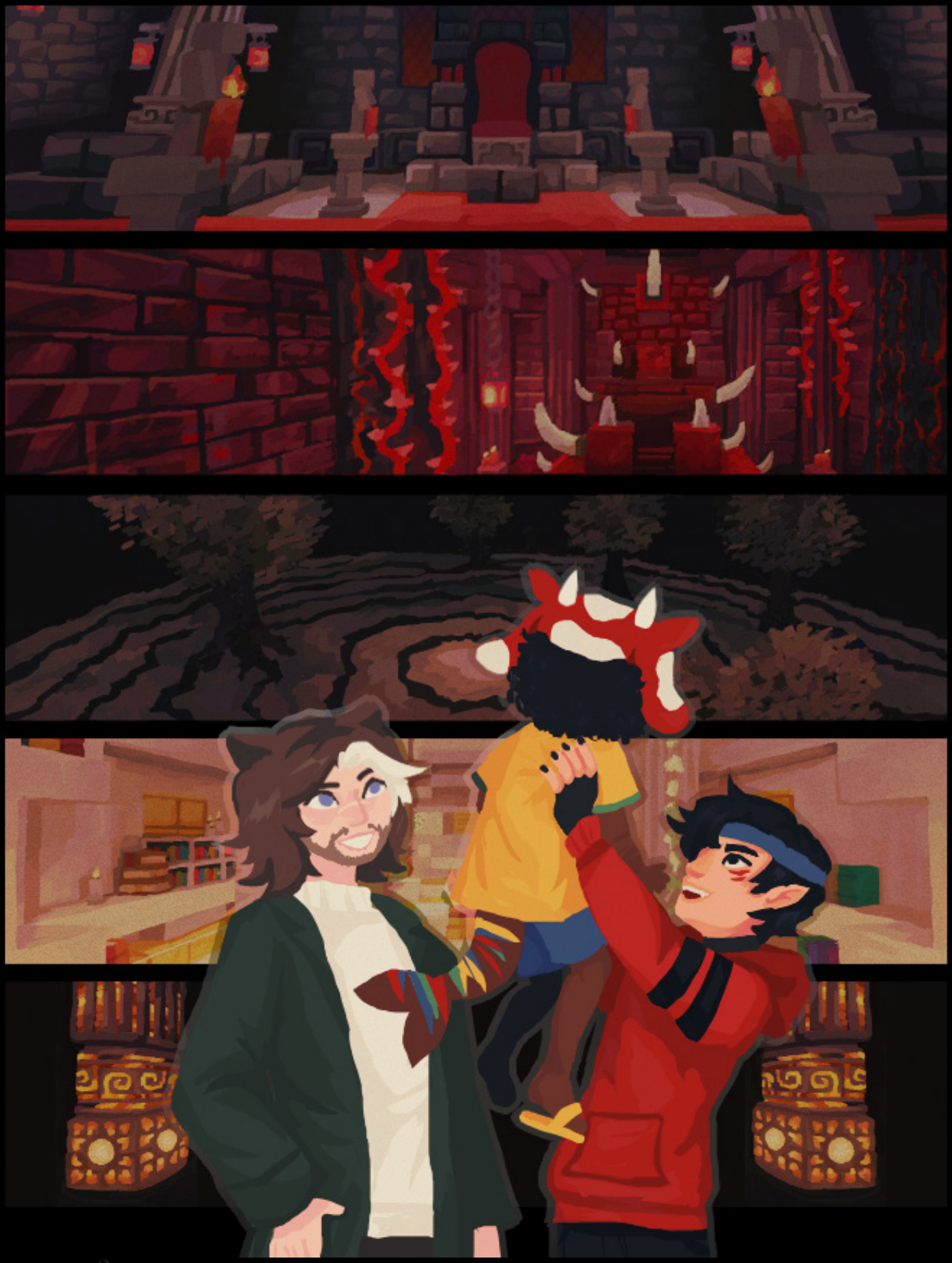
Parte 1
Hide and Seek....4
Eres Mi Cielo, Eres Mi Consuelos....13
Nuestro amor como las orquídeas....23
Oculto....33
Recomeçar....39
Sussurros da Aurora....46

ARTES....56

Parte 2
Fireflies....62
Meu Abrigo....70
Anunciação....78
A little (bit of) love....89
Amor de Chocolate....100
From My Heart....114
Devaneio....124

ARTES....133

CONTRIBUIDORES....140



Hide and Seek

Escrito por Max, traduzido por Humanaaa

O castelo ondulou por alguns segundos enquanto Roier piscava para afastar os efeitos do warp. Não importa quantas vezes ele os usasse, ele ainda ficava um pouco enjoado.

— Certo, hora do banho!

Richarlyson já estava tentando se libertar dos braços de Cellbit usando todos os tipos de desculpa existentes na Terra.

— Mas eu tô muito cansado!

— Vai ser um banho rápido.

— Mas eu tô com muita fome!

— Você pode comer um lanchinho enquanto se lava.

Roier levou um momento para se firmar, colocando uma mão no ombro de Cellbit e deixando-a guiá-lo. — Se você tomar um banho rápido, talvez vamos ter tempo suficiente para lavar seu pai também, esse arrombado fedido.

Cellbit sorriu, mas abriu sua boca para protestar, porém, Richarlyson foi mais rápido que ele, dando uma risadinha, pelo menos se esquecendo parcialmente de sua missão de se libertar.

Eles chegaram na grande entrada do castelo. Os auto falantes de som metálico ainda gritavam um *¡Bienvenidos!* e um *Boas vindas!*, mas as portas não se abriram.

— Que estranho… — Cellbit se afastou e acionou os auto falantes de novo. As portas ainda não moveram.

— Tem como você segurar ele por um segundo? — Ele entregou Richas

para Roier enquanto se abaixou para dar uma olhada mais de perto nas portas.

O peso repentino fez Roier se desequilibrar, e um segundo foi tudo que Richas precisava para se contorcer para fora dos braços de Roier.

Antes que Roier pudesse dizer algo, Richas correu para a parede do castelo, empurrou alguns tijolos soltos para o lado, mostrou a língua para trás, e então se foi, desaparecendo na parede como uma formiga na grama.

Foi tão repentino que Roier não pôde deixar de rir. Ele sabia que Richas odiava banho, mas sério? Ele odiava tanto assim?

Pelo menos ele estava no castelo. Em algum lugar.

Cellbit ainda estava focado demais em arrumar as portas, mas conseguiu fazer uma se abrir parcialmente. — Ah, eu vou ter que ver isso amanhã. Isso é o melhor que eu posso fazer.

— Olha só pro meu faz-tudo. Consegue arrumar tudo rapidinho. — Roier colocou os braços em volta dos ombros de Cellbit.

— Sim, e agora, a gente finalmente vai poder… — Cellbit se interrompeu quando percebeu que as duas mãos de Roier estavam vazias. — Cadê o Richas?

— Ele não queria tomar banho; ele foi embora.

Cellbit olhou em volta, até colocando a cabeça na entrada do castelo. — Richarlyson? Pra onde ele foi?

Roier deu de ombros, puxando Cellbit para mais perto dele. — Ele não queria tomar banho, Gatinho.

— Mas as Missões de Ovo dele!

— Ele ainda vai tomar banho, mas ele está sendo atencioso, deixando a água esquentar primeiro, sabe. — Ele colocou seu queixo no ombro de Cellbit. — Talvez a gente até possa jogar uma partida de Esconde-Esconde antes disso.

Cellbit estreitou os olhos, confuso, antes de entender e se virar para Roier com um sorriso. — Tá, ok, um jogo entre nós dois ou um jogo com Richas?

— Por que não os dois? Quem encontrar Richarlyson primeiro ganha.

— E quem perder…?

— Se você perder, Gatinho, você vai ter que ir pra cama na mesma hora que eu. Sem ir dormir tarde por uma semana.

— Ah, ok, ok. — Cellbit deu um beijo nas costas de uma das mãos de Roier. — Mas se eu ganhar, você vai ter que me ajudar a organizar a minha mesa.

Só a imagem mental das anotações arrancadas e desenhos rabiscados de Cellbit jogados por toda parte de seu escritório era suficiente para fazer Roier estremecer. Mas esse era um monstro que ele não iria enfrentar, já que ele encontraria Richas primeiro. — Hmmm, bueno. — Roier afastou seus braços para alongar umas de suas pernas. — Tomara que você esteja com seus tênis de corrida, porque você vai perder!

— De jeito nenhum! Ninguém conhece meu filho melhor que eu! — Cellbit disparou para dentro do castelo, desaparecendo em uma esquina com um sorriso presunçoso.

Roier só riu abafado e colocou suas mãos nos bolsos. Isso ia ser fácil.

Mais alguns passos e ele estava ali, o lugar mais óbvio para Richas estar. Roier lentamente abriu a porta.

— Richarlyson?

O quarto em si estava uma bagunça. Lençóis amarrotados estavam empilhados no canto da cama. Tinham telas pintadas apoiadas ao lado dela para secar. Brinquedos e equipamentos esportivos estavam espalhados pelo chão. E não tinham sinais da criança em lugar algum.

Até Roier ver um pouco de vermelho aparecendo debaixo dos lençóis.

Ele não conseguia conter seu sorriso.

— Oh, já tá tão cansado assim, Richarlyson? — Devagar, ele andou para frente, tomando cuidado para não pisar em nenhum brinquedo, e lentamente estendeu a mão para pegar os lençóis. — Você não quer ficar acordado mais um pouco? — Roier agarrou os lençóis e os puxou bruscamente, só para revelar

mais um dos bichos de pelúcia de Richas, do exato mesmo tom do chapéu que ele gostava de usar.

Essa criança era boa.

Roier lentamente colocou os lençóis do jeito que ele os achou. Onde mais essa criança estaria?

Ele estava prestes a descer quando escutou outra pessoa subindo as escadas. Passos pesados demais para ser Richas.

Roier correu para trás do batente da porta enquanto Cellbit virou a esquina.

— Richarlyson… Cadê você?

Por mais que Roier quisesse pular e assustar Cellbit para caralho, seria melhor não deixar Cellbit saber que ele estava aqui. O forçar a perder tempo e procurar em um quarto vazio. E então ele escapou pela porta e silenciosamente desceu as escadas, mostrando a língua para as costas de Cellbit.

— Awwww, Richinha…. Quê?!

Roier teve que tapar a boca com uma mão para segurar o riso enquanto ouviu Cellbit cair no mesmo truque que ele.

Ele aceitaria qualquer tempo extra que conseguisse, mas se ele ficou ali por mais alguns segundos só para ouvir Cellbit gritar frustrado, quem poderia o culpar?

O próximo melhor lugar tinha que ser as salas das entidades. Tinham tantos cantos e buracos e lugares para se esconder! É claro que Richas estaria ali. O lugar praticamente exalava diversão.

Roier pisou em um dos pentagramas dos cantos e graciosamente caiu na primeira sala.

— Rochas?

Os cachorros o cercaram, cheirando e lambendo suas mãos animados,

enquanto o demônio acorrentado no trono grunhiu uma saudação. Roier bisbilhotou pelos pilares e tijolos, os cachorros o seguindo. Ele até verificou atrás do próprio demônio acorrentado, para seu grande descontentamento. Richas não estava aqui. Sua camisa verde e amarela o entregaria imediatamente com todo esse vermelho. Além disso, os cachorros não deixariam a criança sozinha, felizes demais por terem alguém para brincar.

A Sala da Morte não foi melhor. Richarlyson não estava atrás de nenhuma das árvores ou nos cantos que estranhamente tinham sombra. O demônio nessa sala estava ocupado demais encarando fascinado o teto em espiral, mas Roier podia adivinhar que o demônio não sabia onde Richas estava também.

A Sala do Conhecimento estava igualmente vazia. Embora, se fosse Roier quem estivesse se escondendo, esse definitivamente seria o lugar, com os sofás confortáveis e as cachoeiras douradas.

E quando chegou o momento que ele terminou de procurar pelas fendas e buracos ótimos para se esconder da Sala de Energia, ele tinha tantos bacteriófagos presos nele que ele jurava que ainda podia os sentir rastejando em seu cabelo. Richas dava trabalho, mas até ele tinha um limite.

As salas das entidades provavelmente eram um fiasco. Mas só por precaução, Roier decidiu verificar a última sala de qualquer forma.

Ele pisou no último canto do pentagrama e ele caiu em uma sala de névoa e ejetores. O lugar sempre o assustou mais do que os outros. Quaisquer criaturas Cellbit mantinha aqui mordiam rapidamente suas canelas enquanto ele colocava com força o código na porta de segurança.

— Ey, ¡cálmate! — Roier os chutou para trás e fechou a porta na cara deles.

Agora, só dar uma boa olhada ao redor….

— Rá!

— Ay, cabrón! Não me assusta assim! — Roier levou uma mão ao coração.

Cellbit apenas riu. — Bem, para de me seguir!

— Te seguir?! É você quem tá me seguindo!

Cellbit riu de novo e estendeu uma mão para puxar Roier em um abraço. — Talvez, mas não acho que é coincidência que acabamos no mesmo lugar.

Mesmo com sua visão limitada por causa do abraço, ele podia ver que Richas não estava aqui. — O que você estava fazendo aqui? Esperando pra me assustar?

— Não, não, Guapito. Não te assustar. Isso foi só um bônus.

— O que então?

— Só esperando por você. — Com isso Cellbit começou a os girar pelo local, como se estivessem dançando lentamente para uma música suave.

— A gente devia estar procurando pelo Richas, lembra? Não procurar um pelo outro — Mesmo que ele parecesse bravo, Roier não podia evitar dançar com mais ritmo a cada girada. Era bem romântico, ele tinha que admitir.

— Bem, já que esbarramos um no outro algumas vezes agora, isso tem que significar alguma coisa, certo? — Tinha algo na voz de Cellbit, mas Roier não conseguia identificar o que.

Ele riu. — Do que você está falando?

— Significa que mesmo tentando nosso melhor, nós sempre acabamos seguindo um ao outro até os confins da Terra — Cellbit deu um beijo barulhento na testa de Roier.

Isso ainda não fazia sentido, mas era bobo o suficiente para fazer Roier rir confuso.

— Isso significa que mesmo que nosso castelo seja bem grande, ele tem um limite, então nós devíamos nos unir e procurar juntos, Guapito.

— Então fala isso de uma vez, pendejo — Roier riu de verdade dessa vez, colocou sua mão no peito de Cellbit e o empurrou.

Realmente que maldição era ser casado com um bobo como Cellbo.

Ele não mudaria isso por nada no mundo

O único lugar que nenhum dos dois tinha checado ainda era o quarto

principal. Cellbit imediatamente caminhou até a varanda e abriu as portas com força. — Richas?

Roier caiu ao chão para olhar debaixo da cama. Mesmo estando no mesmo lugar, ainda é uma competição, e Roier não estava planejando perder tão cedo. — Cadê você?

Mas não parecia que Roier estava aqui também.

Assim como Cellbit disse, mesmo que o castelo seja bem grande, ele tem um limite. Ele tinha que estar em algum lugar.

Roier deu uma olhada atrás da poltrona, e então atrás do baú, até dentro da armadura. Nada.

E para deixar tudo pior, Cellbit o seguia por perto, checando os mesmos lugares que Roier tinha acabado de olhar.

— Você não vai fazer ele aparecer só porque é você quem tá olhando.

— Mas ele é meu filho. Eu conheço ele melhor que qualquer um.

— Sim, é óbvio, já que nós dois estamos aqui sem nenhum filho à vista.

— Ei, escuta — Cellbit levantou as mãos, um sorriso astuto em seu rosto. — Eu não venci, você não venceu. Só estamos provando que somos pais igualmente bons. Talvez até os melhores.

Roier revirou os olhos estava prestes a responder com algo quando escutou uma risadinha baixa, vindo de algum lugar atrás dele.

Cellbit pareceu não ouvir, continuando a conversa. — Digo, a gente tá sendo um desafio e tanto para Pac e Mike.

Outra risadinha, um pouco mais alta dessa vez. Atrás da porta fechada do banheiro.

Roier olhou para a porta e então para Cellbit. Ele definitivamente escutou a segunda risada.

Em um piscar de olhos, Roier e Cellbit correram para a porta, Roier mal colocando uma mão na maçaneta e abrindo com força a porta antes de os dois baterem no batente e caírem no chão em um pulo.

Ali, olhando pela borda da banheira, tinha um par de olhos brilhantes.

— Ayyy, animado pro banho?

— Não! Não! — Richas saiu rápido da banheira e correu até a porta.

Roier se soltou de Cellbit bem a tempo de pegar Richas quando ele tentou escapar de novo. — O campeão do Esconde-Esconde! Bem na hora de ir pra cama.

Cellbit olhou entre eles, um pouco pasmo, mas sorriu enquanto bagunçava o cabelo de Richarlyson. — Não acredito que ele já estava aqui! Vocês planejaram isso ou algo assim!

— Ou talvez eu só venci, Cellbo.

— Ou eu me escondo bem!

— Ou o Richas se esconde bem. — Roier pegou Richas no colo e começou a o carregar pelo castelo até a cama — Realmente não tem como saber. Mas a única coisa que eu sei é que o outro lado da nossa cama vai estar ocupada hoje.

— Ok, tá — Cellbit seguiu atrás dele. — Mas foi a minha piada que nos levou até ele em primeiro lugar! Eu devia ganhar algo por isso, né?!

— Ahh, é claro, como pude esquecer? — Roier se virou e beijou a bochecha de Cellbo. — Que sorte eu tenho de ser casado com um comediante assim.

Cellbit balançou a cabeça, mas riu. — Mas e o banho?

— A gente pode só tentar amanhã, Gatinho, quando todo mundo tiver os olhos descansados e mais tempo livre.

— Sim! — Richas deu um soquinho no ar enquanto correu para se arrumar para cama. — Podemos brincar de novo amanhã!

E fiel a sua palavra, depois de uma boa noite de sono ao lado de seu marido, eles tiveram que procurar pelo castelo de novo atrás de Richarlyson, mas o encontraram a tempo de não só o dar um banho, mas também tomarem banho depois de ele os jogar água.

E depois, se Roier ajudasse Cellbit a limpar seu escritório, bem, quem iria julgar? Porque talvez os dois conheciam seu filho muito bem.

ERES MI CIELO, ERES MIS CONSUELOS

Escrito por shlooksnook, traduzido por Humanaaa

Cellbit olhou para o relógio em seu escritório mal iluminado. *02:53 AM*, o relógio dizia, para seu desalento. Ele passou uma mão pelo rosto e cabelo enquanto se virou de volta para seu trabalho, mas agora ele estava consciente do relógio. Seu som interrompia sua linha de pensamento inteira; cada tique, tique, tique estava o zombando, o lembrando de sua situação.

Então é, era mais uma madrugada para Cellbit. Mas dessa vez era diferente no normal. Dessa vez, ele não estava acordado com seus amigos, ou investigando a ilha, ou se colocando em dia com o trabalho depois de colocar

Richarlyson na cama.

Dessa vez, não havia um Richarlyson para colocar na cama.

Todas as crianças desapareceram um tempo atrás, uma situação que infelizmente não era diferente da norma. Mas então um dia passou, e então dois, e então uma semana, e ainda não havia um sinal de qualquer uma delas.

Cellbit sabia que caberia a ele fazer isso. Ele era conhecido por solucionar mistérios que mais ninguém conseguia resolver, por assumir a liderança e reunir soluções em situações em que normalmente não havia esperança esperança. Ele sabia que todos se voltariam a ele para encontrar todos seus filhos desaparecidos.

Não era um problema muito grande inicialmente; Cellbit foi, por sua própria iniciativa, o primeiro a mergulhar de cabeça na busca de vestígios deles. Qualquer envolvimento de outros começou começou com perguntas de como sua investigação estava indo, conforme pistas eram colocadas em sua mesa ou entregues a mão durante o pouco tempo livre que o brasileiro permitia a si.

E então Cellbit fez cada vez menos avanços. Dias passaram, e então semanas, e então um mês, sem sinal de nenhuma das crianças e um milhão de diferentes pistas falsas e becos sem saída. Perguntas sobre a investigação se tornaram mais súplicas e exigências, Cellbit estava ficando mais cansado a cada dia, e então ele preferia não pensar no estado que isso estava o levando.

Cellbit, naturalmente, estava caindo aos pedaços.

E todos, naturalmente, continuavam procurando por ele mesmo assim.

Ele era o único esperto o suficiente para unir as peças, ou talvez o único estúpido o suficiente para continuar tentando. Seja qual for o caso, ele tinha que se manter lúcido, pelo bem das crianças. Pelo bem de Richarlyson.

Do canto de seu olho, Cellbit viu a foto de família que ele mantinha emoldurada em sua mesa. Era o único item pessoal que ela mantinha em seu escritório. Entre pilhas e pilhas de anotações em sua sala simples, o mantinha centrado.

Na foto, Cellbit sorria levemente, sua mão direita entrelaçada com a mão esquerda de Roier, que dava um enorme sorriso para a câmera. Bobby

estava sendo segurado firmamente no braço direito de Roier, mandando um sorriso travesso em direção a Richarlyson, que estava de pé rindo na frente de Cellbit. Jaiden sorria docemente ao outro lado de Bobby, apontando em direção a câmera em uma tentativa fraca de tentar o fazer olhar para lá em vez de para seu irmão. Cellbit vividamente lembrava de tentar levar os dois garotos turbulentos para o local da foto. Naquele momento, ele estava pronto para desistir completamente, mas agora ele estava agradecido que eles tinham conseguido.

Ele passou seu dedão pelo rosto de Richarlyson, admirando sua felicidade e inocência genuínas.

Com uma respiração profunda, ele tirou os olhos do sorriso de seu filho e olhou de volta para a foto dele alguns dias antes de desaparecer, coberto em uma quantidade imensa de sujeira. E então uma foto de sua camisa de time esfarrapada, deixada para trás apressadamente em sua cama, o único sinal de que ele se foi. Nada disso fazia sentido para ele.

O som do relógio entrou ritmicamente em seus pensamentos de novo, ficando cada vez mais alto. Cada segundo era um segundo que Richarlyson podia estar sofrendo, desperdiçado nos pensamentos egocêntricos de Cellbit quando ele podia os gastar procurando ou interrogando um trabalhador da Federação ou… ou…

Ele olhou para o relógio. *02:59 AM*. Ele bateu a mão em sua cabeça algumas vezes, murmurou algumas palavras para si mesmo, e bebeu com um gole o café da caneca vazia perto de todas essas fotos terríveis.

Mas em seu estado cansado, era difícil se concentrar. Ele já tentou procurar por toda parte. Ele já *tentou* interrogar trabalhadores. Ele já *tentou* tudo. Cellbit apoiou sua cabeça em uma mão, seu cotovelo colocado na mesa. O relógio continuou com seus tiques, o lembrando do tempo que ele estava desperdiçando.

Ele estava *certo* que a Federação foi responsável pela deterioração e desaparecimento repentino das crianças, ou pelo menos que eles sabiam o que causou isso. Talvez diplomacia não fosse efetiva. Interrogar Cucurucho sempre apenas levava a respostas intencionalmente vagas que escondiam segredos cruciais.

Talvez mais força fosse melhor para provar seu ponto…

Cada trabalhador da Federação merecia *queimar* por riscarem a segurança das crianças de todo mundo. Totalmente desfocado em suas divagações inúteis ou pesquisa agora, Cellbit se imaginou prendendo um deles ao chão, enfiando uma faca na ardósia vazia onde um rosto deveria estar, cortando sua garganta e observando o sangue cair da ferida e manchar o chão. Ele imaginou arrancar pedaços de carne e devorar. Ele se perguntou se o gosto seria diferente de carne humana normal.

O relógio bateu três horas e tocou alto, o tirando de seu delírio. Não, apesar de seu estado mental em deterioração, ele não era mais essa pessoa. Cell tinha - *Cellbit* tinha mudado.

Ele pegou uma imagem aleatória de um código enigmático e olhou com os olhos semicerrados para ela. Qualquer coisa para tirar sua mente daquilo. O resto parecia se sobrepor, todas as letras se misturando.

— Que porra é essa, mano?! — Ele finalmente gritou depois de encarar imóvel por alguns segundos. Ele jogou a foto e grunhiu.

As crianças de todo mundo já estavam provavelmente todas mortas, porque o suposto maior detetive na ilha não conseguiu solucionar isso à tempo.

A cabeça de Cellbit afundou mais no braço que ele estava usando para segurar o peso dela.

E então, uma batida na porta.

Foi uma batida gentil, mas ainda o alarmou, especialmente a essa hora. Quem…

— Gatinho? Você tá aqui?

Roier. É claro. O alarme de Cellbit instantemente derreteu em culpa.

— Hã, sim. — Cellbit esfregou os dedos na dor de cabeça crescente no centro de sua testa. Ele esperou mais alguns segundos para sua respiração desacelerar para um nível mais normal antes de continuar — Pode entrar, guapito.

O brasileiro não levantou o olhar quando escutou a porta abrir, nem quando os passos suaves de seu marido soaram pela sala e acabaram bem atrás de onde ele estava sentado. Os dois permanecerem em silêncio por alguns

momentos, a atmosfera muito mais calma apenas pela presença de Roier. Ele era a única luz que restava para Cellbit, o único resquício da família que ele fez tanto para fazer parte antes do resto de ela ser brutalmente arracanda dele.

Roier foi quem finalmente falou. Suas palavras estavam pesadas com fadiga e uma ponta de aborrecimento. — São três da manhã, cara. Eu estive esperando por você.

Cellbit piscou com força. — Esperando por mim?

— *¡Si, pendejo!* Sim! — Cellbit se recostou na cadeira e encarou para a expressão brava (e de ponta cabeça) de Roier. — Eu dormi esperando, enquanto você estava aqui embaixo gritando e…

Roier se interrompeu, sua voz perdendo sua pontada brava enquanto olhava para baixo. Seu olhar ficou mais doce enquanto viu a coleção de evidências espalhadas pela mesa de Cellbit.

Cellbit fechou os olhos e se recostou no torso de Roier. Ele ficou em silêncio, exceto pela respiração profunda que saiu de seus lábios levemente abertos.

Igualmente sem palavras, Roier pegou sua cabeça em suas mãos e gentilmente pentou seu cabelo com os dedos. Devido a falta de manutenção Cellbit tinha dado a seu cabelo recentemente, ele ficava passando em fios emaranhados, cada puxão o servindo como lembrete do quão mal ele estava e quanta dor isso estava o causando. Mas ele nunca tirou a mão de Roier. Não era culpa dele que o gesto gentil se tornou algo mais malicioso devido a negligência do próprio Cellbit.

Depois do novecentésimo fio embaraçado em seu cabelo, entretanto, Roier desistiu. — *Ay, culero*, quando foi a última vez que você lavou seu cabelo? Quando foi a última vez que você até pentou ele?

Cellbit bufou e abriu os olhos. O olhar de aborrecimento de Roier foi substituído para um de preocupação. Seus lábios estavam franzidos, assim como sua testa. Dois olhos castanhos, e mais o conjuntos de olhos de aranha desfocados abaixo deles, encaravam o brasileiro, cheios de preocupação.

— Estive bem ocupado. Todo mundo tá contando nisso, e não está indo pra lugar nenhum — Cellbit levantou um braço para vagamente fazer um gesto para seu trabalho, e então o deixou cair imóvel ao seu lado em derrota

— Mas porra, eu lavo sim meu cabelo, *guapito*. Não se preocupa.

— Oh, *você lava*? — Roier cantarolou brincando, mas a preocupação não saiu de seu rosto. — Quando *foi* a última vez então?

Depois de alguns momentos de silêncio, Cellbit se sentou de novo e girou a cadeira para olhar para Roier. Ele olhou significativamente em seus olhos e deu um suspiro — Eu não sei.

O rosto de Roier se iluminou em um sorriso atrevido. — Eu sabia, Cellbo! *Hueles a culo;* você tá cheirando que nem cu. Eu não posso ter um marido que cheira que nem cu!

Com a risada sem entusiasmo de Cellbit, o rosto de Roier desanimou. Ele momentaneamente desapareceu para puxar outra cadeira para sua esquerda, e então descansou a cabeça no ombro de Cellbit.

— Eu também sinto saudades deles — Roier simplesmente declarou e pegou a mão do brasileiro — Mas, ficar acordado até desmaiar e não tomar banho até feder não vai ajudar ninguém.

— Eu só sinto que eu tô perdendo alguma coisa, como se estivesse perto das peças se juntarem — Cellbit recostou em Roier também — E todo mundo está contando comigo para encontrar eles.

Roier esfregou seu dedão em circulos pelas costas da mão de Cellbit, sobre diversos cortes velhos que faziam apenas uma pequena fração de todas as cicatrizes que se espalhavam sobre todo seu corpo. Cellbit sempre odiou como suas cicatrizes eram, mas seu marido, toda sua *família*, nunca as julgaram por ele. Eles mal as mencionavam, como se elas fossem uma característica tão simples como seus olhos azuis ou seu cabelo castanho oleoso com uma mecha branca que ele só mantinha porque Roier gostava.

Cellbit continuou: — Eu só sinto saudades de ter uma família. Eu sinto saudades de ter um filho para passar o tempo o dia todo e quão legal era com todas as crianças por perto. Eu trabalhei tanto para me melhorar e assim que eu finalmente encontrei a felicidade, eles a tiraram de mim.

De fato, mas que pequena família inestimável ele tinha. Ele sentia saudades de Richarlyson, e ele sentia saudades da luz da ilha que foi embora junto das crianças.

Roier ciciou em compreensão e respirou fundo. Cellbit conseguiria sentir as mãos de seu marido tremendo levemente.

— Quando Jaiden e eu perdemos Bobby — Roier começou, parando para se recompor depois que sua voz falhou levemente. — Foi o pior que eu me senti na minha vida, Cellbo, o pior.

Cellbit não disse nada, mas puxou sua mão esquerda para a envolver no ombro de Roier.

— Eu sentia como se fosse minha a culpa que eu perdi tudo. Mas então você esteve ali por mim. Nós passamos por aquilo juntos. Então, eu acho que podemos passar por tudo juntos, hein?

Cellbit sorriu tristemente e fez seu melhor para falar em um tom animado, apesar de que no máximo foi pouco convincente — É, talvez.

Roier bufou e se mexeu para limpar uma lágrima silenciosa. — Vamos lá, cara, você consegue fazer melhor que isso.

— É só que- Eu-Eu não consigo… — Cellbit se interrompeu, lutando contra lágrimas suas. — Eu não sei se eu consigo encontrar eles. Eu sinto como se eu tivesse falhado

— Gatinho… — Roier reconfortou. — Ninguém acha que você falhou. Você vê mais alguém descobrindo todas as merdas que você descobre? Eu sei que você vai encontrar eles logo.

— E é por isso que eu tenho que t—

— Shhhhhhhh, *callate, pendejo*. Vamos pensar nisso de novo amanhã. Juntos — Roier cuidadosamente se levantou — Por enquanto, eu tô tão cansado, podemos por favor ir dormir? Eu vou te dar o maior beijo se a gente for.

Roier franziu os lábios e começou a fazer sons de beijos escandalosos para Cellbit, puxando seu braço para o tirar da cadeira do escritório. Cellbit riu de suas travessuras, mas escutou o som do relógio embaixo de todo o tumulto e foi lembrado de todo o tempo que ele estava desperdiçando.

— Eu não sei, Roier…

— Eu vou te arrastar o caminho inteiro até a cama se eu precisar.

Cellbit levantou uma sombrancelha e sorriu. — Você me arrastar?

— *No mames,* Cellbit, você se esqueceu quem é o forte? Você nem mais vai dormir ou lava seu corpo fedorento! — Ele brincando flexionou seus bíceps e mexeu as sombrancelhas.

— Cala boca caralho! — O brasileiro deixou escapar uma risada abafada com a exclamação. — Eu lavo sim meu- Ai!

Cellbit foi interrompido por dois braços agarrando seu torso. Ele tentou lutar contra, mas os braços eram incrivelmente fortes, e Cellbit estava incrivelmente exausto. Era fácil esquecer o quão forte Roier era quando ele era tão bobo na superfície, mas Cellbit sabia que ele não devia ser subestimado. Além disso, bem no fundo, ele sabia que seu marido estava certo, então ele só estava lutando com ele de brincadeira afinal.

— Ok, para! Me solta, *guapito!* — Cellbit deu uma risadinha enquanto ele, como prometido, literalmente o arrastou aos chutes e gritos para fora de sua cadeira e pela porta.

— Você não me deixou outra escolha, gatinho — ele respondeu — Então você pode levantar e andar agora, ou a gente vai só ir assim se isso que você quiser.

Cellbit considerou. Ele podia ter uma pausa que precisava muito, se deixar cair em uma cama confortável junto de seu marido, seu tudo, a única pessoa que podia dissolver suas preocupações, que podia ficar ao seu lado mesmo nas suas horas mais sombrias.

Ou ele podia tentar ficar aqui, mas ele não duvidava que Roier podia e iria arrastar sua bunda até o quarto deles de qualquer forma.

— Tá maluco — Cellbit cedeu e levantou. Ele podia deixar seu trabalho de lado, pelo menos só pela noite. — Vamos ir pra cama.

Cellbit percebeu exatamente o quão cansado ele estava no segundo que sua cabeça atingiu o travesseiro. Ele nem se deu o trabalho de tirar suas roupas

antes de praticamente cair na cama. Ele afundou suas costas no colchão macio e aproveitou o calor preso nos lençóis ao seu redor.

Roier subiu na cama depois de Cellbit e virou para seu lado. Seu rosto quente descansava no peito de Cellbit, e Cellbit, contente e confortável, fechou seus olhos. Um braço envolta do ombro de Roier, ele se sentia bem de novo.

Talvez sua situação não fosse ficar melhor até o dia que Richarlyson e todas as crianças fossem encontradas, mas não tudo não tem que depender de ele juntar as peças. Ele tinha sua família, seus amigos, a Ordem, *Roier.* Roier podia ficar ao seu lado não importa o que, assim como ele sempre ficaria com Roier. Eles eram inseparáveis, sempre aqui para cuidar um do outro e pegar o outro caso um deles caísse.

— *Te amo, guapito* — Cellbit murmurou, suas palavras se arrastando enquanto ele chegava cada vez mais perto do sono.

— Te amo también, gatinho — Roier murmurou em resposta.

Perto de Roier, toda a pressão em Cellbit desapareceu. Por enquanto, era só eles, prontos para enfrentar o mundo, encontrar seu filho, e derrubar qualquer pessoa ou coisa que ousasse ficar no caminho de sua família estar completa de novo.

NUESTRO AMORES COMO LAS ORQUÍDEAS

Escrito por Nonny_Mo

Respirou fundo, absorto em seus pensamentos, deixando o aroma das flores guiar sua cabeça para um espaço mais tranquilo. Checou as mangas avermelhadas de seu terno branco, as joias vermelhas e pérolas costuradas no tecido parecendo tão delicadas sob o cuidado de suas mãos brutalmente

afetadas pelo tempo nada gentil de sua vida, essas cobertas por luvas sem dedos também brancas e finas. Era estranho estar nervoso, afinal, já havia casado com o amor da sua vida antes, logo a segunda vez deveria lhe dar menos tremedeiras e murmúrios internos duvidosos, porém não funcionava dessa forma e ele entendia bem.

Para alguns, casar uma vez com a pessoa amada era um milagre, uma explosão de alegria para ser guardada com carinho para sempre em suas memórias. Casar com sua alma gêmea era dez vezes mais impactante, como encontrar uma agulha num palheiro; um milagre capaz de deixar uma marca eterna em seu coração. Cellbit se encontrava na posição mais rara do mundo, na qual ele, não só havia casado com sua alma gêmea, como também iria casar com ela novamente.

Puxando o tecido delicado, observou por entre a renda em degradê com designs florais, sua nova tatuagem feita há poucos dias. Era uma aranha com design de flor em seu corpo e patas, atada por uma fita azul se tornando vermelha na ponta, rodeada do ramo de flores que, agora, regia seu amor, seu casamento. Dálias, orquídeas e, obviamente, amarantos, esses sendo soltos pelo aracnídeo como se tecidos por ele. Uma tatuagem representando Roier, sua alma cálida, mais encantadora que o próprio jardim do Éden, capaz de traiçoeiros ataques a seus inimigos e o mais acolhedor carinho para sua família.

Fungou de leve, engolindo suas lágrimas para não deixar com que estragassem sua maquiagem - Bagi e Baghera iriam ficar chateadas se ele deixasse sua obra de arte escorrer por seu rosto após horas cuidando de sua aparência com a ajuda de Felps e Pac. Ultimamente podia se dizer estar mais emotivo do que jamais esteve, levando em conta as circunstâncias, no entanto, era um bom sinal. Às vezes ainda era estranho se ver tão envolvido por amor, cuidado, lealdade, tendo em vista que, durante toda sua vida, recebeu o completo oposto. Dias de luta só geravam mais dias de luta, então não sabia explicar como conseguiu alcançar os dias de glória.

O Purgatório deveria ter destruído sua vida - literalmente -, deixando ele sem nada nem ninguém para lhe receber após o fim do mundo. A deusa do destino era alguém imprevisível, porém, e, junto das deusas do amor, elas torceram sua visão de um futuro solitário e depressivo em algo cheio de carinho. Teve seu filho de volta, reencontrou sua família formada pelos horrores do apocalipse, reuniu-se com sua família antes de qualquer memória

sua sobre sua infância e, acima de tudo, reencontrou seu marido, esse ainda o amando e querendo estar a seu lado acima de tudo.

Era surreal.

Claro, seu relacionamento mudou completamente depois de seu retorno da ilha maldita. Teve de salvar seu marido de um sequestro, ambos estavam terrivelmente traumatizados a ponto de ter diversos pesadelos e novos gatilhos com simples contatos. Pisaram em cascas de ovos até conseguirem se sentir confortáveis em seu relacionamento novamente; até conseguirem conversar seriamente sobre o que lhes afligiu durante semanas distantes um do outro.

Depois daquela conversa, de muita sinceridade profunda derramada por entre lágrimas e agonia, seu relacionamento se fortaleceu mais do que o imaginado. Cellbit nunca pensou em ser perdoado, em receber tanto amor e confiança após ter abandonado Roier para sofrer sozinho - *se o dito cujo soubesse desse seu pensamento, ele levaria uma boa chinelada* -, ao ponto de, todos os dias, agradecer as Deusas do Amor por abençoarem sua relação. Elas realmente gostavam muito dos dois para aguentarem toda a montanha-russa de emoções das últimas semanas.

Ambos eram emocionados, admitia. Queriam se casar o mais breve possível, porém a vida não estava nem aí para seus planejamentos, pois, após o lindo pedido de renovação de votos feito por Roier para Cellbit com suas alianças antigas resgatadas, um anúncio de mudança de ilha foi feito. Num piscar de olhos, sem nem conseguirem encontrar sentido no que estava acontecendo, sem nem poder se despedir de suas memórias antigas preservadas em suas moradias, todos os moradores acordaram em um local totalmente novo. Sem nada.

Quase rasgou o primeiro coelho que viu quando pensou terem tirado suas alianças de si.

Elas ainda estavam bem presas em seus dedos, então não havia motivo para matar nenhum deles ainda.

Ah, verdade, os coelhos.

Iria se manter ignorante quanto ao novo comando dessa ilha nova, por enquanto, ele tinha preocupações mais importantes no momento, afinal, ele

e sua família não tinham mais uma casa, nem materiais para montar uma, muito menos para montar um casamento. Um restart quase completo.

A Federação era literalmente o motivo do aumento de seus cabelos brancos; paz era realmente momentânea com eles.

De qualquer forma, seus planos sofreram uma longa pausa. O foco virou reformar suas vidas antes de poder pensar em estabelecer a reforma de sua relação. Poderia ter sido algo cansativo, monótono, estressante, porém, foi o contrário. Ambos, junto de seus filhos e, ocasionalmente, de seus amigos, passaram dias explorando juntos as novas terras, dias construído suas novas casas, brincando, se zoando e trocando carícias no meio da decoração dos cômodos.

Encontraram um lugar perfeito para crescerem seu novo lar, chocando-se - positivamente - ao saber estarem próximos de alguns de seus companheiros de batalha durante as desventuras nas mãos da entidade maligna da ilha vermelha. Dessa vez, saíram dos planos dos castelos, fazendo uma bela mansão inspirada pelo elemento da morte - algo muito apreciado por Philza e seus corvos -, com uma floresta de árvores de troncos pretos e folhas brancas plantada ao redor junto de sua coleção de flores tão adoradas, com o adicional de algumas de tons mais escuros para complementar a estética local.

Com a casa construída e propriamente decorada, era o momento de voltar ao plano anterior; era hora de se casarem.

Novamente, os planos de construção do local do casamento foi feito por seus filhos e amigos, deixando os maridos para planejarem as outras partes do dia especial. Burocraticamente, os coelhos não foram contra, nem tentaram impedir ou causar algum problema quanto ao futuro grande evento da nova ilha - ainda bem; *era pelo próprio bem deles.* Nem mesmo o urso branco veio mostrar seu sorriso costurado acompanhado de suas várias perguntas.

Se ele tivesse aparecido, Cellbit não se controlaria nem um pouco de descer todo seu ódio em cima da criatura asquerosa que ousou machucar permanentemente seu guapito.

Mais uma vez, guardaram segredo sobre quais roupas usariam, assim como da primeira vez, querendo se deslumbrar pela surpresa no altar. Outra coisa não dita, foi quem ficaria esperando e quem entraria quando a cerimônia começasse, mas, num acordo silencioso, eles já sabiam suas posições sem

precisar estabelecer algum plano entre si.

E isso levava ao momento atual, com Cellbit no altar vestindo um terno branco delicado, com rendas avermelhadas nas pontas, com pérolas e joias vermelhas em seu entorno, costuradas de forma sutil por todo o tecido e mais aparentes nos braços e clavícula. Seu cabelo, mais longo do que da última vez, tinha metade presa em um pequeno rabo de cavalo enquanto a outra caia em ondas bem feitas por seus ombros, destacando seus brincos vermelhos.

Tudo no gazebo era perfeito, montado sob um belo jardim florido, com vinhas dessas mesmas flores contornando as pilastras cuidadosamente entalhadas. Os convidados, seguravam suas flores preferidas enquanto se sentavam nos bancos brancos e deixavam a grama tocar seus calçados. As cerejeiras ao redor deixavam a brisa levar suas pétalas, mais bonitas que quaisquer chuvas de arroz, formando um belo piso natural encoberto de belos tons rosados misturados com os de verdes

"Ei, cabeção, se acalma." - A voz feminina característica de Bagi chamou sua atenção, fazendo-o virar para encontrar os olhos verde-azulados de sua gêmea. - "Toma." - Ela esticou o buquê de dálias coloridas com orquídeas brancas, esse pego com cautela pelo rapaz. - "Agora respira, tá tudo bem, ok? A cerimônia já vai começar." - Sorriu de forma gentil, seus olhos fechando um pouco, deixando as lágrimas seguradas refletirem debaixo da luz do sol.

Quando a chamou para ser uma de suas madrinhas, não esperava o rio de lágrimas e o forte abraço que recebeu. Havia sido uma decisão difícil, talvez um pouco impulsiva, porém foi totalmente sua. Só pareceu o correto. Suas lágrimas soltadas naquele momento eram algo trancado a sete chaves, algo somente entre eles dois. Podiam não ser irmãos como já foram, mas podiam ser irmãos ainda, de uma forma diferente, mas não menos especial. Aos poucos.

Respirou fundo pela quinquagésima vez, vendo a loira ir para sua posição ao lado de Baghera, com Pomme e Empanada na frente delas com pequenos buquês em mãos e grandes sorrisos. Observando ao redor, podia ver como todos os convidados pareciam alegres, ansiosos e emocionados, isso fazia algo bom queimar em seu peito de forma reconfortante. Da última vez, seu casamento foi uma celebração com toda a ilha, agora, era uma mais intimista com seus amigos e familiares mais próximos. Ainda era grande, mais do que o ex-presidiário sequer poderia imaginar, porém, era algo mais de seu núcleo

apenas. Estava perfeito assim.

A melodia começou a soar, os violinos tranquilos junto das cordas do violão e o tilintar da arpa. Richarlyson e Pepito desceram as escadas de mãos dadas, com cestas de flores balançando elas para espalhas as pétalas de amarantos pelo tapete vermelho, parando junto dos pais de Roier do outro lado do altar - E sim, teve de segurar o choro ao vê-los com as flores favoritas de Bobby em seus ternos. Do alto da escadaria, apareceu seu marido, vestindo um terno de um azul tão escuro que aparentava ser preto, com os cabelos cuidadosamente penteados para trás de sua bandana, com seu belo buquê de amarantos e orquídeas em mãos.

Todos se levantaram para observar o mexicano descendo os degraus e andando tranquilo pelo tapete, o tecido fino azul-escuro preso em seus ombros como um véu balançava com o vento, as pequenas pedras refletindo pequenos arco-íris. Quando ele parou na sua frente do brasileiro, contendo sua emoção enquanto o admirava como a flor mais bela de toda sua vida, foi difícil para o outro se conter também.

As olheiras tapadas por uma maquiagem leve, a barba rala bem aparada, um delineado azul contornando os olhos castanho-avermelhados e um leve brilho labial vermelho, sem contar o rosar de suas bochechas, o qual parecia muito natural para ser maquiagem. Ele estava lindo, a própria definição de beleza e perfeição. Alguém cuidadosamente construído pelas mãos das divindades, posto na Terra para abençoar aqueles que se tornaram merecedores de sua presença e cuidado.

Cellbit certamente se sentia privilegiado de ser merecedor de ter Roier em sua vida. Não importa o quanto duvidasse, o quanto pensasse que o outro estaria melhor sem ele, depois dos acontecimentos gravados nas fitas antes do sequestro de seu marido, ele sabia que duvidar era inútil.

Roier precisava de si para sobreviver, para ser feliz. E Cellbit precisava de Roier na mesma quantidade.

O oficiante dessa vez era Felps - ele mesmo se ofereceu; não havia motivos para recusar o pedido do ser onipresente -, dissertando palavras bonitas e complexas dentro de analogias profundas, beirando a pura filosofia com uma pitada de momentos confusos, os quais faziam todos rirem com sua excentricidade. Quando ele chamou pelas alianças, Pepito trazia a almofada

na mão, sendo carregado no colo por Richas. Ambos os maridos sorriram grande com a visão de seus pequenos, um soltando lágrimas por trás dos óculos com um grande sorriso faltando um dente da frente, e o outro tentando manter a pose de alguém forte mesmo que uma lágrima traiçoeira e o sorriso mordido fossem claros indicativos de seus sentimentos.

Cellbit alisou a joia na sua mão, a peça de quebra-cabeça polida como se fosse nova, acompanhada atualmente de uma pintura vermelha em suas pontas. Uma memória, uma ênfase da nova fase de suas vidas juntos, da evolução de quem foram e são nesse relacionamento. Levantando o olhar pode observar como seu guapito fazia o mesmo com o anel de aranha, pintado com um degradê de branco para azul até nas pedras ao redor.

Quando puderam trocar as alianças e dizer seus votos, o brasileiro começou, esticando o anel para pôr na mão estendida de seu marido, deixando um leve afago com o polegar nos dedos calejados.

“Roier, guapito, não existem palavras que eu possa te dizer que seja novidade, acho que já te disse várias vezes o quanto você importa pra mim, o quanto eu te amo.” - Engoliu suas lágrimas, encarando fixamente àquelas terras castanhas, as quais sempre trouxeram paz para seu mar revoltado. - “Mesmo quando não digo, eu faço questão de demonstrar da melhor forma possível - às vezes não é das melhores, mas eu me esforço.” - Riu fraco, arrancando um riso dos convidados também, junto de um ‘Apoco si, culero’ vindo do mexicano. - “Você me aceitou como eu sou, vendo meus lados mais horríveis e os meus mais bonitos. Durante muito tempo, pensei que eu nunca teria um amor, nem mesmo uma família, mas você me deu os dois sem hesitar. Ficar longe de você foi a maior tortura do mundo e eu juro, juro de todo meu coração, que nunca mais irei fazer isso - só se você me pedir. Eu te amo, te amo como na primeira vez que te vi, como no nosso primeiro encontro, como no nosso primeiro casamento e vou continuar te amando, seja hoje, amanhã, seja vivo ou morto. Eu vou te amar para todo sempre.”

Podia ouvir o choro dos convidados, influenciando suas próprias lágrimas a caírem, vendo elas trilharem as bochechas coradas de seu marido o qual mantinha um grande sorriso estampado, fazendo-o se apaixonar ainda mais por ele.

Foi a vez de Roier por o anel de aranha na mão do brasileiro, segurando ela em seguida após depositar um singelo beijo.

“Gatinho, voy para siempre a amarte, con todo mi corazón, te lo juro. Tú eres mi alma gemela y, nunca hubiera pensado que yo tendría una algún día. No solo me amaste, también me dio compañía, estuvo conmigo en mis peores y mejores momentos.” - Encarou-o por entre as lágrimas, sorrindo gentil. - “Cuando no estuviste, aún viniste salvarme, aún fue el motivo de mis risas, aunque todo fuera gris. Tú eres mi motivo para vivir, el motivo para mi despertar, mi motivo para continuar y amar. Nuestro amor es eterno como los amarantos, colorido como las dalias y puro como las orquídeas. Te amo, hoy y siempre.”

Oficializados em seu segundo casamento, ambos trocaram um beijo calmo e longo, abafado pelas vozes dos outros ilhéus, banhado pela bela luz do sol poente. Porém, eles só conseguiam ouvir a batida sincronizada de seus corações conectando-se mais uma vez sob o farfalhar das pétalas, do desabrochar das flores, do seu amor.

Nat_tkd

OCULTO

Escrito por Chini

Cellbit olhou furtivamente para os lados, o coração batendo acelerado enquanto os sons do deserto noturno enchiam o ar. Phil estava ocupado discutindo — tentando — estratégias e, também, a ensinar como fazer uma plantação para os outros membros do time vermelho, enquanto eles mais brincavam que qualquer coisa. E Slime, que ultimamente não largava do brasileiro, parecia bem distraído com uma fogueira, mesmo assim o loiro sabia que não tinha muito tempo. Aproveitando um momento de descuido, ele se esgueirou para fora da base, mantendo-se nas sombras das dunas de areia.

Enquanto corria, seus pensamentos estavam fixos em Roier. Toda a conversa — o breve encontro que tiveram —, a mensagem, que recebera mais cedo, ainda ecoava em sua mente: "Secreto de Amor". A saudade apertava seu peito, e ele sabia que arriscar tudo por esse encontro valeria a pena. Após um tempo correndo pelo deserto, Cellbit chegou ao limite da floresta, o "território dos verdes", onde a escuridão das árvores oferecia uma cobertura mais segura. O cheiro de terra úmida e o farfalhar das folhas ao vento eram um alívio bem-vindo após a aridez do local em que seu time estava localizado.

Roier, por sua vez, também estava se movendo cuidadosamente. Ele tinha que evitar a vigilância constante do time verde, sempre atentos a qualquer movimento suspeito, tão interessados em vencer... Com passos leves, atravessou a floresta densa, os galhos farfalhando levemente enquanto passava. A lua cheia iluminava seu caminho e o som distante do lago orientava seus passos, e ele sabia que estava cada vez mais próximo do seu destino e do seu amor.

Finalmente, eles se encontraram na entrada de uma caverna, a luz da lua refletindo suavemente no lago próximo. Ao ver Cellbit, Roier sentiu uma onda de alívio e felicidade. Sem hesitar, o mexicano praticamente se jogou contra o marido — não que o brasileiro tenha ficado muito atrás —, eles se abraçaram com força, sentindo a presença um do outro após o que, para eles,

era tanto tempo separados. Os corações batiam em uníssono, um consolo silencioso na vastidão da noite.

— *Te extrañé, pendejo, te extrañé mucho...* senti saudade — Roier murmurou contra o ombro de Cellbit, que apenas apertou o abraço em resposta. A sensação do corpo de Roier contra o seu era um alívio, uma prova tangível de que estavam ali, juntos, apesar de tudo. Que sempre estariam.

Após um momento, eles se separaram o suficiente para trocar um beijo. O toque dos lábios era familiar e reconfortante, uma promessa de amor eterno.

As respirações se misturando, o calor do outro na noite fria, a sensação da pele, dos lábios, dos corações tão perto, batendo juntos.

Eles encostaram as testas, olhos nos olhos, azul com castanho. Cellbit passeava levemente as pontas dos dedos pelas costas do marido, sorrindo com os arrepios que sabia que estava causando, e Roier, ele deslizava as mãos pelo rosto do loiro, os dígitos sentindo a barba, as novas cicatrizes.

— Cellbo… — o moreno chamou, a voz manhosa, o outro respondendo apenas com um "hm". — *Hueles a culo.*

O brasileiro jogou a cabeça para trás, rindo com uma leveza que não sentia a dias, mesmo que eles tivessem se visto naquele mesmo dia, um pouco mais cedo, havia sido tão rápido, tão sem privacidade…

— Também senti muita saudade, guapito. — respondeu Cellbit, a voz embargada, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Ele segurou o rosto de Roier, olhando profundamente nos olhos castanhos do amado, que refletiam a luz suave da lua.

Sentaram-se juntos na entrada da caverna, e Roier começou a distribuir os equipamentos que trouxera. Cada peça de armadura, cada arma, era um símbolo de sua devoção e cuidado. Coisas que ele não deveria, mas no dia seguinte haveria seu primeiro grande desafio no "purgatório" e Roier não se importava com o que sua equipe pensava, a segurança de seu marido vinha em primeiro lugar!

— Te trouxe isso, pode te ajudar amanhã — disse, passando a Cellbit um conjunto de armaduras e armas mais avançadas. Os olhos de Cellbit se arregalaram com a qualidade dos itens.

— Obrigado, amor. Isso vai fazer com que eu dure uns 5 segundos a mais contra o Etoiles — ele respondeu, tocando sua mão.

Roier soltou uma risadinha, mais amargurada do que o loiro estava acostumado a ver naquele rosto bonito. Ele segurou o rosto de Cellbit, passando os polegares com delicadeza sobre as maçãs do rosto, sobre suas cicatrizes — Roier gostava delas, ele já havia deixado claro que elas tornaram Cellbit o homem que ele é hoje e Roier o ama assim. Seus olhos castanhos estavam repletos de uma determinação que só se via quando ele estava absolutamente certo de algo, uma intensidade que fazia o coração de Cellbit bater mais forte. Derreter contra as costelas.

— Você não precisa carregar tudo sozinho, *¿sabes, mi amor?* — Roier sussurrou, sua voz suave, mas firme. — Eu estou aqui, sempre estarei. A gente prometeu isso um para o outro, lembra? E eu não vou deixar você enfrentar esse pesadelo sozinho. Vou cuidar de você o máximo que eu puder!

Cellbit segurou as mãos de Roier contra seu rosto, sentindo a textura dos calos que contavam histórias de construções, batalhas, de desafios que ambos superaram, juntos e separados. Ele sabia que Roier estava sendo sincero, que aquelas palavras vinham do fundo de seu coração. Mas também sabia o quanto era difícil para Roier, assim como para ele, se dividir entre o amor de sua vida, sua alma gêmea, e a família que ele havia encontrado. Claro, a perspectiva de reencontrar Richas…

E isso o preocupava.

Ele refletiu no marido o carinho que recebia.

— Eu sei, guapito, eu sei que você sempre me protegeria... — Cellbit começou, sua voz suave, mas carregada de uma preocupação que ele não conseguia esconder. — Claro que eu faria qualquer coisa para te proteger, também, mas… — eles riram um pouco, o sorriso perdurando mais nos lábios de Roier nesse encontro que durou nos últimos dias. — Mas não quero que você se arrisque mais do que o necessário. Se algo acontecer comigo, não quero que você... não quero que você se perca tentando me salvar.

Roier respirou fundo, fechando os olhos por um momento antes de encará-lo de novo, com ainda mais intensidade.

— Você acha que eu conseguiria viver comigo mesmo se algo acontecesse

com você e eu não fizesse nada? — Roier rebateu, sua voz agora um pouco mais baixa, mas ainda cheia de emoção. — Se você se machucar, se eu perder você... Não existe um mundo onde eu não faria de tudo para te salvar, Cellbo.

— Eu só... — Cellbit começou, sua voz tremendo um pouco. — Eu só quero que você seja cuidadoso, amor. Porque se você se machucar por minha causa, não sei se eu conseguiria... — Ele engoliu em seco, tentando encontrar as palavras certas. — Você se lembra do que eu te disse quando a gente reatou o noivado?

Cellbit, segurou a mão do marido, o polegar acariciando o lugar onde a aliança deveria estar.

— Você mataria por mim, nunca a mim. — Roier recitou, bem baixinho, quase um sussurro. — Lo sé, gatinho.

Roier aproximou seus rostos ainda mais, de modo que suas testas se tocaram, os olhos fixos um no outro.

— A gente vai continuar, corazón, porque não existe outro caminho. A gente vai sair disso juntos, inteiros — Roier disse, sua voz agora baixa, mas firme. — E se o mundo tentar nos separar, vamos lutar contra ele. Como sempre fizemos. *Tu y yo contra el mundo.*

Cellbit sentiu as lágrimas formarem nos olhos, mas não deixou que elas caíssem. Em vez disso, ele se aproximou mais, colando seus lábios aos de Roier em um beijo suave. Era um beijo de saudade dolorida, de receio, de um "querer estar junto para sempre" e de uma determinação inabalável.

A voz de Roier era um bálsamo para ele, que se sentia mais forte com cada palavra de incentivo.

E ali, em meio ao inferno anunciado, por um momento, o tempo parecia parar enquanto Roier, com um sorriso no rosto, começou a cantar suavemente a mesma música que ele havia lhe apresentado mais cedo. A melodia envolveu-os como um abraço — o brasileiro sentia tanta falta de ouvir seu amor cantar —, e Cellbit se levantou, puxando Roier para si. Eles começaram a dançar ao som da melodia suave, os corpos se movendo em harmonia perfeita.

O mundo ao redor deles desapareceu, todos os problemas, os times, as dificuldades, e por alguns minutos, foram apenas eles dois, compartilhando um momento de amor e paz no meio do caos; daquela maneira que eles

costumavam fazer desde que se casaram.

Cellbit segurou a mão esquerda do moreno, deixando um beijo leve sobre os nós dos dedos, meio machucados depois de todas as lutas recentes; enquanto Roier deitava a cabeça em seu peito, o som do coração de Cellbit o embalando enquanto ele continuava murmurando a música para eles. A lua lançava um brilho prateado sobre eles, tornando a cena quase mágica.

Enquanto a música ecoava na caverna, Cellbit sussurrou:

— Vamos ser sempre nosso "secreto de amor", não importa o que aconteça amanhã.

Roier assentiu, segurando-o mais perto. O olhar nos olhos de Cellbit era intenso, uma mistura de determinação e amor inabalável.

— *Siempre,* gatinho — respondeu, com firmeza e amor nos olhos. O beijo que seguiu foi profundo, uma promessa selada na escuridão da noite.

"Eu mataria por você, mas nunca você"

Era um momento tão lindo, finalmente juntos depois de tanto tempo, tantas dores e problemas, que Cellbit sequer percebeu que Roier nunca prometeu o mesmo.

Recomeçar

Escrito por y

Cellbit atenciosamente checava a mochila mais uma vez antes de colocá-la em suas costas. A viagem seria longa e ele não queria que perdessem tempo com imprevistos.

— Meu bem, os meninos tão prontos? — Ele gritou da sala, ouvindo um "ESPERA" em resposta, e então se sentando no sofá, esperando como o marido havia mandado.

No quarto, Roier acabava de vestir a camisa de Pepito, continuando o que falava com as crianças. — Vocês têm que obedecer nós dois, vai ser uma aventura mais longa, e podemos enfrentar perigos, certo?

Richarlyson abriu um sorrisinho arteiro, onde logo Roier ergueu seu indicador em frente a ele. — Isso também vale pra você não se jogar na frente de nada. Obedecer, Richas.

O menino fez um bico, enquanto colocava os cabelos presos no alto da cabeça. — Tá bom, pa.

— Muito obrigado, sabia que podia contar com sua ajuda. — Deu um beijinho no topo da cabeça do filho mais velho, que sorriu. — Agora vamos, tem um brasileiro nos esperando lá embaixo.

Cellbit sorriu quando toda a família descia as escadas, deixando um beijinho na testa dos filhos e um selinho rápido no marido. — Então vamos seguir para a primeira parada, aventureiros?

Roier sorriu, e Richarlyson deu pulinhos, se preparando enquanto suas asinhas mexiam em animação. — A gente vai no Starbobby primeiro, não é? Eu amo o Starbobby!

Cellbit abriu um sorriso, assentindo e olhando para Pepito, que havia erguido o braço. — Sim, pequeño?

— ¿Hoy puedo tomar café? — Ele perguntou com um sorrisinho meio banguelo.

— Hoje sim, mas não tanto, e vamos logo. Andem! — Cellbit sorriu, com um Pepito pulando logo atrás dele, até ser pego no colo, e Richas disparando em frente a eles.

Seria um dia importante.

Simbologias sempre andaram em conjunto com a família, lado a lado, em todos os lugares.

De início de relacionamento, passeios de barco.

De resistência, o companheirismo de uma carta.

De amor, amaranto.

De dor, Bobby.

A perda repentina do filho mais velho foi substancialmente importante para a virada na vida de Roier. Seu bloqueio, o medo, pavor.

A chegada de Cellbit em sua rotina espantou os sentimentos ruins, mas, mesmo assim, não espantou um deles: a saudade.

Não tinha como ela ir embora quando Bobby vivia em cada um de seus momentos, e então, Pepito chegou, e virou sua vida de cabeça para baixo. A casa vazia não era ocupada por fantasmas do passado, mas um pequeno garoto energético, que não o deixava sozinho mesmo com as tentativas de afastamento. Roier cedeu de pouco em pouco, até ter o menino completamente ligado a si. O amor de filho, que não se dividiu entre os três filhos que tinha, eles só se somavam cada vez mais.

O caminho não era tão longo até o Starbobby, então os meninos foram

cantando algumas canções que haviam escutado nos desenhos. O escolhido do dia foram as músicas de Steven Universo, que, momentaneamente, era a obsessão de Richarlyson, se tornando a de Pepito quase por osmose.

Enquanto cantavam, - completamente fora do tom - eles chegaram no Starbobby.

O sol ainda queimava bem sobre suas cabeças, e o mar próximo da favela dava aquele ar de maresia. O vento era fresco na cafeteira.

— Chegamos na parte um. — Cellbit anunciou, olhando para os filhos. — Cada um fica responsável pelo seu próprio lanche. — Ele foi até o balcão, pegando duas lancheiras menores, e uma maiorzinha, para ele e Roier. — Se precisarem mexer em fogo, chamem nós dois, de resto, fiquem à vontade, tá bom? — Ele sorriu, olhando para Pepito. — E o nosso café eu vou fazer.

Pepito e Richas desceram as escadas correndo, indo pegar seus materiais para sanduíches e doces.

Cellbit e Roier se demoraram em seus lugares, e, enquanto Roier fazia os sucos, Cellbit fazia o café.

O brasileiro parou um tempo, enquanto a água para o café fervia, e se apoiou em uma das bancadas, olhando para a entrada do porão. A foto de Richarlyson e Bobby permanecia intacta no lugar, e ele abriu um pequeno sorriso, se aproximando de Roier e o dando um pequeno beijinho no ombro, abraçando sua cintura. Roier riu baixo, fazendo um breve carinho em seu braço para logo depois voltar a cortar suas frutas.

— Você tá bem? — Cellbit falou baixo, com o queixo apoiado no ombro do marido, que assentiu. — Bem mesmo? Com tudo que vamos fazer hoje?

Roier abriu um pequeno sorriso, não havia amargura, talvez saudade e um tom de melancolia. — Tô. Sei que… é difícil, mas acho que é hora de abrir as portas pra recomeçar. — Ele se virou em direção ao marido, com o sorriso mantido. Cellbit podia notar, a melancolia pouco a pouco se tornava um fio de esperança. — Mostrar ao Pepito é deixar o Bobby… seguir, mas nunca

morrer de verdade, porque ninguém nunca vai esquecer dele. Quero garantir que o Pepito se inclua nisso.

Cellbit correu os nós dos dedos em sua bochecha, o dando um beijo demorado e sorrindo em sua direção. — Você é o homem mais corajoso e que eu mais amo no mundo, sabia disso?

Roier soltou uma risadinha. — Sou, hm? Tu eres… bueno. — Ele falou com um ar falsamente egoico.

Cellbit riu, revirando os olhos em um tom cômico. — Adiciona convencido, faltou isso.

O tom era leve e calmo na cafeteria, o cheiro de melancia se mesclava ao café, a melodia marítima dançava no som das crianças brincando de fazer seus lanches, e, quando todos concluíram, Cellbit sabia que era hora.

— É hora de viajar. — Cellbit falou e sorriu para Roier, que assentiu breve.

— Vamos para a base guapita. — Roier concluiu a ideia do marido, sorrindo.

O que começa terá seu final, isso é normal… a dor do fim vem pra purificar.

Roier desatracou o barco, e eles entraram, seguindo o mesmo caminho e rindo das piadas e memórias.

— Você continua mais lindo que a paisagem… — Cellbit sussurrou na orelha de Roier, que riu.

Recomeçar, recomeçar.

Ver o dirigível ao longe era uma mistura engraçada na barriga de Roier.

O trançar da amarga melancolia, a doce memória, a fria saudade. E, mesmo que não fossem positivos.

Ele se sentia bem.

Passava por ele *tanto* e ele sentia *tudo*.

Eles subiram as escadas, Pepito e Richas com mais pressa que Cellbit e Roier, que tomavam tempo e prestavam atenção nos pequenos.

Eles organizaram o piquenique na área aberta, e Richarlyson montou a tela e suas tintas em um dos cavaletes. Ele parecia um pouco mais quieto.

Eu não vou mais me fechar pra sempre, daqui pra frente…

O garoto pintava com calma, e suas cores eram o reflexo de seus sentimentos, em um pequeno e amistoso caos.

Era ele, *eram* eles.

Pepito ao lado pintava algo que Richarlyson não via pelo lugar que estava.

— Meninos, vamos comer? — Cellbit estendeu melhor a toalha e Pepito correu até eles com sua telinha em mãos. — Pequeno, você não quer deixar lá para secar?

O menino negou com a cabeça, sorrindo e deixando a tela apoiada em sua lancheira. O desenho de pôr do sol tinha bastante laranja, amarelo e azul, algumas flores vermelhas eram desenhadas em pétalas infantis no canto. — Eu chamei o Bobby pra lanchar, ele disse que vinha e eu quero mostrar para ele.

Cellbit e Roier se entreolharam e sorriram um pouco. A saudade se amenizava, Bobby estava em cada um deles, não precisavam dar tchau a ele.

Roier sorriu e olhou para o sol baixando no horizonte.

A dor do fim vem pra purificar.

Recomeçar.

Recomeçar.

— Oi, Bobby. — Richarlyson sorriu, começando a comer.

— Oi, Bobby. — Cellbit repetiu, sorrindo mais e dividindo a comida deles.

Roier organizou um pequeno vaso ao lado deles com um brotinho de flor azul, deixando ele ao lado de cavalete com a pintura de Richarlyson.

— Hola, mijito. — Roier sorriu e começou a comer com calma.

A família sempre estaria completa.

Recomeços não eram fáceis, mas não era um problema.

Era bom estar de volta, e eles sempre estariam de volta.

Sussurros da Aurora

Escrito por justsolbtw

Cellbit suspirou, pegando outro documento entre os incontáveis que repousavam em cima de sua mesa.

Já estava confinado no esconderijo secreto a quarenta e oito horas, mantendo-se ativo através de uma quantidade exorbitante de café.

Sabia que não era saudável, mas tinha que continuar. Estava tão perto de solucionar o último enigma, conseguia sentir dentro de si, como um sexto sentido de detetive.

E quando as letras se embaralhavam no meio das frases por conta da exaustão, ele sacudia a cabeça e tomava o café em grandes goles, colocando-as no lugar novamente.

Não poderia parar, não agora.

Só mais um pouco.

O cucurucho, a federação, os enigmas…

— Cellbit!

Roier chegou pisando forte no chão de madeira do escritório.

O loiro levantou a cabeça, surpreso ao deparar-se com uma porta escancarada e com o rosto tão lindo do marido com uma feição irritada de cenho franzido.

— Guapito? O que…

— Por que você não voltou pra casa ainda? — Exigiu saber Roier, parando em frente a mesa de Cellbit e cruzando os braços.

— Eu ‘tô quase conseguindo, eu…

— Você sequer dormiu?

O loiro desviou o olhar para o chão, ciente das escuras olheiras que repousavam debaixo de seus olhos.

— Não. — Respondeu, incapaz de mentir para o marido.

— Vamos pra casa.

— Eu não posso…

— Não foi uma pergunta.

Cellbit voltou seu olhar diretamente para os olhos castanhos.

— Eu ‘tô quase terminando. — Falou, em tom de súplica.

Roier negou lentamente com a cabeça.

— Não, não. Você precisa dormir.

Cellbit suspirou, rendido. Levantou da cadeira, andando até o esposo do outro lado da mesa.

Chegando ao lado do moreno, porém, acabou distraindo-se com um documento que viu pelo canto do olho, voltando sua atenção para ele e

imediatamente puxando-o para mais perto dos olhos.

Jurou, por uma fração de segundo, ter percebido um ponto chave para a investigação, mas talvez fosse só a privação de sono.

No entanto, sua atenção foi forçadamente mudada quando sentiu-se ser levantado.

Roier, que agora o segurava no estilo noiva, o encarou chateado, obrigando Cellbit a largar o papel e a voltar-se para si.

O mexicano lhe cortou o olhar e, sem proferir quaisquer palavras, saiu andando com o amado nos braços.

— Guapito, eu não quero dormir. — Protestou, enquanto eles saíam do escritório.

— Você não pode ficar acordado por tanto tempo, Cellbit.

Sabendo que o esposo estava certo, o loiro se manteve quieto enquanto ignorava a leve pontada no coração que sentiu com o uso do nome ao invés do apelido carinhoso.

Os dois logo se teletransportaram de volta ao castelo, Roier exigindo continuar levando Cellbit em seus braços, e o mesmo, envolto pelos enormes braços do amado, não reclamou em nenhum momento, deixando que o marido o carregasse.

— Guapito, eu preciso mesmo…? — Tentou o loiro mais uma vez, enquanto subiam as escadas até o quarto.

— Sim. — Respondeu o moreno sem titubear.

Ao entrarem no quarto, Roier deixou Cellbit na cama e andou até a passagem para a varanda.

— Eu vou ficar aqui até você dormir. — Declarou ele, fechando a cortina.

Com tal ato o quarto ficou escuro, com exceção dos rebeldes feixes dos primeiros raios solares do dia que insistiam em escapar por entre as frestas do tecido.

— Mas você não precisa tomar o café da manhã?

O moreno então andou até a cama, deitando-se nela e olhando no fundo das íris azuis do marido.

— Eu conheço você, gatinho, sei que vai tentar fugir se eu não estiver aqui.

Sentindo-se como um livro aberto, Cellbit suspirou. Seu plano tinha falhado antes mesmo que ele pudesse terminar de elaborá-lo em sua mente.

— Tá bom, mas eu não tô com sono. — Falou o loiro, virando-se para encarar o teto.

Roier revirou os olhos, um leve sorriso convencido crescendo em sua face.

— Meu bem, você sempre fala isso mas acaba dormindo.

Cellbit virou-se de novo, passando a olhar o moreno e seu sorriso bonito. A luz fraca o fazia parecer espectral, quase irreal. Etéreo. Como se não fosse desse mundo.

E, de fato, o loiro considerava o marido perfeito demais para ser desse simples e medíocre planeta. Roier estava muito além de tudo o que aquele mísero pedaço de terra representava.

O moreno em questão virou seu olhar para Cellbit, encontrando íris azuis que pareciam admirá-lo, explorando cada pedaço de sua face, mesmo que, para o esposo, ela já lhe fosse abundantemente conhecida.

— Eu senti saudades. — Confessou o loiro.

— Então por que não voltou?

Cellbit desviou o olhar, sentindo um peso se acomodar dentro do peito.

— Você conversaria comigo até eu pegar no sono? — Pediu, evitando a pergunta.

Roier suspirou.

— Claro. Sobre o que quer falar? — Cedeu.

— Qualquer coisa.

— Você ainda me amaria se eu fosse uma minhoca?

Pego desprevenido, o loiro começou a rir.

— Guapito, que tipo de pergunta é essa?

Às vezes, a mente de Roier divagava para lugares os quais ele mesmo tinha medo.

Se pegava pensando no futuro, como seria ou se sequer existiria. Junto, refletia sobre as consequências naturais da velhice, sobre quando essa um dia chegasse e a juventude fosse embora levando consigo toda a beleza jovial como lhe é conhecida, pensava, o que restaria?

Não se considerava vaidoso, mas estava ciente do rosto que possuía.

Quando toda a sua beleza escorresse junto dos grãos de areia da enorme ampulheta, seu gatinho ainda o amaria, certo?

A maioria das pessoas em sua vida só o viam como isso, um rosto bonito, alguém com privilégio de beleza.

Nada além de bochechas rosadas e maxilar definido. Nada além de um encanto carnal e efêmero que iria embora junto da primavera de sua vida, caindo e despedaçando junto das folhas das árvores.

Seu gatinho era diferente, não era?

— Você não respondeu a pergunta.

Ao olhar para Roier, Cellbit encontrou seriedade por trás da boba pergunta, surpreendendo-se. Notou, oculta, uma preocupação por trás das tão despretensiosas palavras e, embora não soubesse o que exatamente era, não riu mais.

— Eu sempre gostei de minhocas, desde que era criança. — Começou — Eu até tinha uma de estimação…

Dessa vez, quem riu foi Roier, pego de surpresa.

— Quê?! — Exclamou o moreno.

— Então, sim. — Ele sorriu — É claro que eu te amaria mesmo como uma minhoca. Na verdade, eu te amaria mesmo se você virasse um rato.

Roier sorriu, soltando uma risada nasal.

— Um rato?

— Eu vou te amar de qualquer jeito, mesmo se a federação te transformar num rato, em uma barata ou numa mosca.

O moreno riu, começando a fazer cafuné nos fios loiros do brasileiro.

— Isso nunca aconteceria, cabrón.

— Mas se acontecesse eu ainda te amaria.

Roier sorriu largamente, e foi como se o quarto escuro se iluminasse.

— Já entendi, pendejo.

Satisfeito enquanto recebia o carinho no topo da cabeça, Cellbit fechou os olhos, deixando-se mergulhar na sensação das delicadas pontas dos dedos do marido passeando por seu couro cabeludo.

— Como foi seu dia, guapito?

— Bom, acho?

— O que você fez?

— Por que tanto interesse no meu dia de repente?

— Eu gosto de ouvir a sua voz…

O moreno soltou uma risadinha.

— Gosta da minha voz? Então acho que posso falar um pouco…

Cellbit sorriu, ao passo que Roier começou a contar o decorrer do dia anterior para o esposo.

Narrou, em detalhes, sobre como Richas e Pepito foram brincar de esconde-esconde e como isso resultou numa fofa cena de abraço depois que o mais novo não entendeu a brincadeira e pensou que o mais velho tinha simplesmente ido embora.

O moreno riu, mas logo sua feição se fechou e ele recaiu num silêncio esquisito.

Cellbit abriu os olhos, deparando-se com o marido encarando o teto.

— O que foi?

Roier suspirou.

— Todas as noites em que você não volta, Pepito me pergunta se você vai dar o beijinho de boa noite nele. E Richas quer se fazer de forte, mas ele fica estranhamente silencioso assim que a noite cai. — Falou, em tom triste.

O loiro sentiu uma pontada de culpa atingir seu peito. Nunca tinha parado para pensar nos filhos.

— Por que você insiste? — Perguntou Roier.

— A Federação já fez tantas coisas pelas quais eles precisam pagar, eu só quero fazer justiça.

— Você precisa pelo menos descansar a mente de vez em quando.

Cellbit amava sua família mais do que tudo, é claro. Ainda assim, o que mais queria era encontrar meios de mantê-los seguros, e para ele, a principal forma de fazer aquilo era acabando com a Federação.

Mas lhe era difícil demais ver o tempo escorrer mais rápido do que ele conseguia acompanhar, levando consigo preciosas horas e dias, se agarrando em cada milissegundo na tentativa de conseguir mais do tão precioso tempo.

Era como nadar contra a corrente, tentando usufruir de cada segundo apesar de todos os indicativos de que não deveria fazer tal coisa.

Estava destruindo a si mesmo tentando salvar todos os outros.

Se sentia na responsabilidade de desvendar todos os mistérios e de arquitetar cada uma das estratégias, de colocar sobre os ombros todo o peso do mundo, para que ninguém mais tivesse que fazê-lo.

Para que, principalmente, Roier não tivesse de fazê-lo.

Olhou nos olhos do amado, e encontrou preocupação emanando das exorbitantes íris castanhas.

Do que adiantava carregar o mundo se estivesse longe deles?

Do que adiantava tentar poupá-lo da dor se, ao fazê-lo, só o trazia mais tormento?

Cellbit virou o corpo na direção do marido, abraçando-o no processo.

— Eu prometo que vou voltar todos os dias.

Roier sorriu, satisfeito.

— E se você não voltar eu levo o Pepito e o Richas pra bagunçar todos os seus documentos.

O loiro soltou uma risada leve.

— Não precisa disso, só você já é suficiente pra me fazer desistir dos papéis.

— Não foi isso que eu vi mais cedo.

Nos lábios do moreno, um biquinho lentamente se formou.

Cellbit sorriu.

— Isso nunca mais vai acontecer, meu amor.

— Como eu posso ter certeza? — Perguntou num tom dramático, olhando para o teto em seguida.

— Guapito, antes daqui eu tinha convicção de que sabia qual era o meu enigma preferido. Então eu te conheci, e no momento que olhei dentro dos seus olhos castanhos tão profundos, percebi que estava errado. Você é, incomparavelmente, o mais intrigante e interessante dos enigmas, e, ainda assim, o único que eu nunca senti vontade nenhuma de resolver. Sabe o porquê?

Roier voltou a olhar dentro das íris azuis e esperou. O loiro sorriu, esticando a pele cicatrizada como consequência.

— Não, por que? — Perguntou o moreno.

— Porque se eu resolver acaba, guapito, e eu quero ter você comigo todos os dias.

O moreno não conseguiu não sorrir, derretendo-se com as palavras do esposo.

— Você é um tonto.

Cellbit levou a mão esquerda até o rosto de Roier, repousando-a em sua mandíbula e oferecendo um leve carinho na bochecha com o dedão.

— Talvez eu seja.

— Mas não tem problema, você é o meu tonto.

Roier retribuiu o abraço do esposo, juntando a ponta de seu nariz ao do dele e mexendo a cabeça num delicado beijo de narizes.

Cellbit sentiu o aroma do marido e sorriu sonolentamente.

— Eu sou seu tonto, mí amor.

O moreno voltou a acariciar as madeixas loiras do de olhos azuis, sem pressa de sair do agarre.

— Você sabe que pode me chamar sempre que precisar de ajuda com a sua investigação, não sabe?

— Sei, mas não queria te incomodar. — Respondeu o loiro, se movendo no colchão e enterrando a cabeça no peito do amado.

— Ei, pendejo, eu gosto de ajudar! Promete que da próxima vez me chama?

— Prometo.

Roier sorriu, e o silêncio recaiu sobre o quarto, quebrado apenas pela respiração dos dois e o cantar matutino dos pássaros.

Depois de severos minutos silenciosos o moreno tentou se soltar a fim de sair da cama, mas Cellbit apertou o abraço ao redor de Roier, esfregando o rosto no peito do de olhos castanhos e fazendo o mesmo rir.

— Quê? — Perguntou entre risadas.

— Fica. — Suplicou, sonolento.

Roier abriu um largo sorriso e arqueou uma das sobrancelhas.

— Por que tão chiclete de repente?

— Tô com saudade, eu fui burro.

O moreno riu, voltando a abraçar o esposo e dessa vez fechando os olhos.

— Tá bom, eu fico só mais um pouquinho, pendejo.

Cellbit não respondeu, mas pareceu conformar-se com a decisão.

Roier pousou um beijo no topo da cabeça do marido.

— Eu te amo.

O loiro se afastou do peito do esposo para olhá-lo nos olhos.

— Eu te amo pra sempre, guapito. — Retrucou sonolentamente, com os olhos semi-abertos.

Roier soltou um meio riso, achando fofo como o rosto de Cellbit estava amassado.

Ele se aproximou, depositando beijinhos nas pálpebras e no nariz do amado. Com o ato, Cellbit sorriu e fechou os olhos por completo.

— Eu te amo pra sempre e mais um dia, gatinho.

O loiro não retrucou, mas continuou a sorrir, enterrando o rosto no pescoço do esposo e o abraçando apertado.

Roier passou os dedos por entre os loiros fios de cabelo do marido, na esperança de que o mesmo enfim pegasse no sono.

Acabou por começar a cantarolar uma calma música, como estava acostumado a fazer para que Pepito dormisse.

— Todos os dias quando acordo…

E ao som da calma melodia junto de um carinhoso cafuné na nuca, Cellbit adormeceu nos braços de Roier.

Nunca dormiu tão bem quanto naquele dia, talvez por conta da privação de sono, talvez por conta do alívio que se instalou em seu peito.

Afinal, foi quando percebeu que apesar da ampulheta do tempo escorrer a todo momento, independente e indiferente de qualquer circunstância, eles tinham seu próprio tempo.

—... temos todo o tempo do mundo… — Cantou Roier.

Sim, eles tinham todo o tempo do mundo.

E se fosse para aproveitar cada minuto e segundo, cada minúsculo grão de areia, seria ao lado daqueles que mais amava.

Seria ao lado de sua família.

The Reason is You

maiatck

Ncoffeetea

Yorancy_

ArcticaTheFox

soup--champ

The Reason is You

FIREFLIES

Escrito por LisannAlt, traduzido por Duck

Seus olhos começaram a ficar pesados, seu corpo tenso e dolorido implorava por um descanso enquanto ele, teimosamente, se preparava para tomar sua quinta xícara de café daquele dia; não tinha noção do tempo desde que se trancou naquele quarto, nem tinha passado muita coisa quando recebeu aqueles documentos na porta de sua casa.

Ele fechou seus olhos quando as palavras e símbolos sobre o papel começaram a deixá-lo tonto, passou sua mão pelo seu rosto com uma completa frustração um suspiro cansado foi expelido de seus pulmões para sua boca lentamente, sabia que se não parasse agora terminaria tendo um colapso, já fazia um tempo que ele não tinha a mesma energia para realizar suas investigações, com o tempo as coisas tão simples como levantar da cama começaram a se tornar impossíveis devido ao cansaço que seu corpo acumulava a semanas, quase meses.

A única coisa boa que ele podia ter de tudo isso, era ele ter alguém que o apoiasse constantemente a fazer coisas tão simples como ficar de pé todos os dias.

Ele sabia que era o momento de parar, pelo menos pelas próximas cinco horas, reuniu alguns dos papéis espalhados por todo o escritório e os colocou dentro de uma pasta tomou sua xícara de café e tomou o último gole antes de sair do quarto, no caminho ele se deu o tempo suficiente para observar a hora já se passava das oito da noite, com certeza sua família já estaria em casa.

Ao acordar naquela manhã havia decidido que aquele seria um dia em família, aproveitaria a pouca paz que ainda restava na ilha e levaria seu esposo e filho para um passeio, mas toda a alegria por passar um tempo com sua família tinha ido embora quando Roier lhe disse que alguém havia deixado um pacote na porta. Então ao ver que não se tratava de uma investigação comum por parte da federação, soube que seu día familiar deveria ser adiado. Se havia se desculpado mil vezes com seu esposo e filho por lhes dar a ilusão de que estariam juntos tanto Roier como Richarlyson o deixaram saber que estava tudo bem, que eles compreendiam a situação e que sempre teriam tempo para se dedicar entre eles.

Me asseguro de fechar a porta com a chave antes de iniciar o caminho para sua casa, já que não se tratava de uma investigação designada pela federação, decidiu que o melhor e mais seguro era realizá-la em seu escritório na Ordo Theoritas, o ceu noturno começava a abraçar o ambiente, os vagalumes

haviam tomado conta da favela iluminando seu caminho, o vento fresco batia suavemente contra seu rosto enquanto ele acelerava o passo, se ele se apressasse ainda poderia desejar boa noite a seu filho.

Ao chegar na ponte destruída pode notar as luzes acessas do castelo, ele sorriu, com certeza Roier estaría tentando fazer que Richarlyson finalmente durma enquanto o mais novo escapava de suas tentativas fracassadas de pegá-lo.

Ele ficaria encarregado de agradecê-lo por toda a vida por ter cuidado de Richarlyson naquele doa, ele sabia que Roier amava seu filho como se fosse seu e o pequeno Richas nao ficava atrás, não precisava ser um especialista para ver o quanto gostaram de estar juntos, mesmo que só estivessem se insultando ou perdendo tempo fazendo coisas que só eles entendiam. A relação entre seu esposo e filho era única, e até o Ilhéu menos experiente sabia disso.

Embora Cellbit soubesse que aquele laço entre eles era tao especial por um motivo pequeno e indisciplinado que os visitava em cada anoitecer.

Ele ficou um pouco surpreso ao chegar e não ouvir nenhum barulho,nem mesmo gritos, risadas ou passos apresados, o lugar estava em um silêncio profundo que pode sentir o medo congelar seus ossos.

— Roier? - Perguntou ao ar, como se fosse obter uma resposta imediata em meio a calmaria.

Com uma apreensão começou a caminhar em direção as escadas, os pequenos insetos luminosos iluminação o lugar sombrio, logo foi saudado pelas luzes quentes da sala de jantar na qual se encontrava vazia.

No entanto desta vez ele pode escutar algo.

— Richarlyson? - Perguntou novamente ao ar enquanto avançava, os murmúrios se intensificaram enquanto caminhava até às escadas que o levariam a seu quarto, uma luz quente e fraca iluminava fracamente o chão da entrada.

Então seu coração começou a bater em uma doce melodia que expandia o calor no seu peito.

— *And anytime you feel the pain, hey Jude, refrain…*

Apoiando seu ombro sobre o batente da porta, assistiu com um sorriso, e a ternura espalhou se em seu peito, a bela cena que envolvia seu esposo e filho.

Roier tinha uma voz tão linda ao cantar.

— *Don't carry the world upon your shoulders* - Acariciou os cachos do pequeno — *For well you know that it's a fool who plays it cool…*

Ao escutar as risadinhas suaves de Richarlyson devido as cócegas de seu marido foi como um ataque direto ao seu coração, consequentemente uma onda de adoração se espalhou por todos os cantos de seu corpo. Sorrio suavemente sem tirar seus olhos azuis como o céu da cena, em completo silêncio.

Sua parte favorita do dia era chegar em casa, ser comprimentado por seu esposo e sua presença primorosa, passar o resto da tarde-noite juntos fazendo qualquer coisa,por que não importava que tão ridícula ou simples seja, sempre era maravilhoso estar a seu lado.

Era tão maravilhoso existir ao mesmo tempo que ele.

Os olhos de Richarlyson brilharam quando pela janela os vagalumes que havia observado antes entraram no quarto para presenciar o pequeno conserto, o pequeno não demorou em se sentar na cama para observar os pequenos insetos que o hipnotizavam com sua luz.

— Pai! - Exclamou com emoção— Tem luz na bunda!

Roier soltou uma gargalhada, Richarlyson continuou a admirar os pequenos vagalumes que espiavan pelo parapeito da janela.

— Eles tem uma cauda enorme, como eu

Ele sorriu balançando a cabeça lentamente, a sala foi subitamente invadida por gargalhadas seguidas de piadas e brincadeiras ridículas. O que antes foi um ambiente terno e aconchegante, nao demorou que se transformasse em um ambiente divertido e agradável.

Roier tinhas uma bela capacidade de fazer todos felizes, de fazer todos rirem mesmo nós momentos mais críticos e talvez mais infelizes. E amava isso nele.

Seu esposo era tão carismático, como você não poderia se apaixonar

perdidamente a um homem assim?

Ela decidiu se aproximar lentamente, Richarlyson foi o primeiro a perceber sua presença, com um sorriso se levantou da cama — Pai!

Roier não demorou em se virar assim que sentiu os braços do marido se envolverem em sua cintura enquanto se ajoelhava ao seu lado, recebeu um sorriso divertido daqueles lábios que tanto amava beijar.

— Quando você chegou? - Se aproximou um pouco mais do corpo só outro, Cellbit o recebeu envolvendo-o completamente com um braço até ficar proximo ao peito enquanto abraçava seu filho com o outro braço.

— Se quiser eu vou - Brincou, delineando a expressão de seu marido com seus olhos cor de céu.

— Sim por favor, está interrompendo nosso momento de pai e filho.

Cellbit riu, beliscando suavemente a cintura do outro — Pedenjo.

A atmosfera começou a ficar quente novamente, Roier riu encostando sua cabeça sobre seu ombro enquanto Richarlyson se afastava para admirar novamente os vaga-lumes na janela.

Seu coração começou a bater em sincronia com o oponente, seu peito foi invadido pelo calor do corpo do outro, e como se fosse a primeira vez que Roier que tinha Roier tão perto, sentiu seu corpo tremer sutilmente assim que percebeu o delicioso aroma de seu esposo.

— Você estava aí há muito tempo? - Ele olhou pra cima, a respiração de Roier ficou mais lenta, enquanto a sua parecia irregular devido ao seu nervosismo, assentiu contemplando a beleza do homem em seus braços — Você é um perseguidor ou algo assim?

Beliscou gentilmente sua costela, dando um sorriso alegre— Não sou um perseguidor, apenas um pobre homem que ama observar seu belo esposo.

— ¿A poco si tilin?

Cellbit revirou os olhos, aproximando mais seu corpo aquele que estava entre seus braços, como se nao bastasse a proximidade que tinham fosse suficiente, como se desejasse com todas as forças que seus corpos pudessem

se fundir para que sempre estarem sempre ao seu lado.

Como se o corpo de Roier estivesse desaparecendo entre seus braços.

— Te amo…

Apenas mal conseguia ouvir, a voz contrária emanava de sua garganta quase como uma fraqueza infernal.

— Que?

—Te amo… Cellbit…

De repente, a fraca iluminação avermelhada do quarto se intensificou, as risadas que vinham do filho perto da janela desapareceram quase tao rapidamente como os vagalumes que, ele jurou, o mantinham cercado apenas alguns minutos atrás.

— Roier? - Uma angústia aguda se instalou como facas sobre seu peito— Guapito?

Temeu quando o corpo entre seus braços começasse a perder a força entre seus braços, tal qual água entre seus dedos, como se começasse a se transformar em fumaça, como se estivesse morrendo.

Então ele finalmente pode sair do devaneio em que sua mente com crueldade havia o mantido em cativo durante os últimos 10 minutos, o tempo exato que o homem havia deixado entre seus braços.

— Não… Roier… - Seu peito estava comprimido entre a angústia aguda, o suficiente para que o corpo entre seus braços começasse a ficar embasado — Guapito, Não vá!

Em meio as lagrimas voltou a agarrar novamente ao corpo quase inerte de Roier, do homem que tanto amava.

Se sintiu estúpido, como ele poderia ser tao fraco com sua própria mente? Como ele poderia deixar sua cabeça guia-lo para uma memória vivida, apenas para aliviar a dor que agora estava o matando lentamente?

Escutou seus companheiros de equipe murmurar para depois e depois se afastou, ele havia perdido todo aquele purgatório, a sua família,sua sanidade, e agora o homem que a pouco minutos atrás era a sua única luz, sua esperança e seu tudo.

Abraçou o corpo com força, Roier ja nao se movia e muito menos fazia barulho, sabia o que aquilo significava, porem não ousou aceitar. Ele sentiu algo muito pequeno pousar sobre seu braço, entre lagrimas ele olhou para cima na esperança de encontrar a Jaiden, Slime, ou a qualquer pessoa disposta a fazer companhia em sua dor. Mas nao foi assim, em seu lugar, um dos pequenos insetos de sua memória o comprimentou quase com amargura.

Sorriu fracamente, e por um par de segundos, pois era engraçado pensar que aquele pequeno inseto era possivelmente a alma de seu amado buscando dá-lhe consolo.

Cellbit se lembra do dia que Roier chegou a a seu escritório espalhando alegria, ele era feliz apenas por lhe fazer companhia, e Cellbit o amava por isso. Naquele mesmo dia, ele contou seu mais recente descobrimento.

“ Voce sabia que segundo os japoneses, os vagalumes são as almas de pessoas falecidas?”

Cellbit nunca foi fanático por lenda, muito menos de mitos.

Mas em que ele poderia acreditar quando seu mundo acaba de cair em pedaços? O que restava para ele fazer a não ser existir ao mesmo tempo que Roier era doloroso?

Talvez, em outra vida, poderiam adorar melhor a existência um do outro.

Meu Abrigo

Escrito por Annah

Cellbit respirou fundo e puxou sua espada para perto de si, colocando a máscara de gás preta em seu rosto. A alguns dias ele e todos os moradores da ilha quesadilla foram enviados para uma nova ilha misteriosa chamada "purgatório", um nome não muito agradável, e forçados a jogar um jogo totalmente sádico por uma criatura completamente negra e misteriosa.

Ele se apresentou como "Osito" e dividiu os participantes em três times representados por cores para que eles pudessem competir entre si. Cellbit e Roier infelizmente foram separados, Cellbit indo para o time vermelho chamado de "Bolas" e Roier para o time verde chamado de "Green Gay Ninjas".

Cellbit não poderia explicar o tamanho de seu desespero ao perceber que ele e seu marido estavam em times opostos e eventualmente teriam que competir um com o outro. Antes de serem despejados na ilha misteriosa, ele buscou o olhar de Roier, vendo que o mesmo estava tão desesperado quanto ele.

E então começaram os dias mais infernais da vida de Cellbit, tudo naquele lugar foi planejado para tornar a vida de todos um inferno, desde a coloração vermelha dos céus, as temperaturas inconstantes, o ar pesado e difícil de respirar, os desafios indesejados e dentre outras coisas.

Mas para o loiro o mais difícil de tudo era estar longe de Roier, pois não importava o quão ruins as coisas estivessem, se Roier estivesse ao seu lado então tudo estaria bem, ele é seu porto seguro e sua maior certeza, ficar sem ele era como perder uma parte de si mesmo.

Eles eram um só, desde que uniram suas vidas naquele altar suas almas passaram a ser uma só. Ele era a paz que Cellbit tanto buscou, a transformação que fez sua vida de dor e tristeza florescer lindamente como amarantos em um jardim.

Não era exagero dizer que separá-los era a pior dor que podiam sofrer, juntamente com a perda de seus filhos. E no cenário atual onde ambos não faziam ideia de onde estavam seus filhos e forçados a lutarem em lados opostos, essa dor apenas aumentava.

A única coisa boa daquele local era que os seus companheiros de time eram pessoas agradáveis e as quais ele confiava, e que lhe ofereciam certo conforto ao escutarem Cellbit tagarelar por horas a fio sobre Roier e como ele o amava. Era como se todos ali soubessem o quão difícil aquilo estava sendo especialmente para ele, tanto que Jaiden e Foolish contavam sobre suas próprias vivências com Roier como uma forma de o alegrar um pouco.

Nos poucos momentos em que se encontravam, seja durante as dinâmicas ou em duelos, eles sempre encontravam um jeito de matar a distância, seja com toques sutis, flertes, abraços, sussurros ou até mesmo apenas uma troca de olhares bastava.

Porque os olhos cor de safira de Cellbit transmitiam um amor sincero e uma admiração sem igual, os olhos cor de chocolate de Roier transmitiam um amor intenso e uma riqueza de afeto. Logo, apenas com um breve olhar, ambos podiam sentir o coração acelerar e a chama do amor que possuíam um pelo outro aumentar mais ainda.

Eram desses pequenos momentos que Cellbit tirava forças para continuar e não enlouquecer.

Agora eles se preparavam para mais uma dinâmica proposta por aquele urso esquisito de um olho só, um duelo direto entre as três equipes a qual o objetivo principal era "matar" o maior numero possível de vezes. O que teria preocupado Cellbit bastante se não fosse o estranho fenômeno o qual ninguém realmente morria ali, apenas sentiam uma pequena dor e então eram teletransportados para a base de sua respectiva equipe.

Estranho? Pra caralho, mas Cellbit aprendeu que era melhor nem tentar entender o que de fato acontecia naquela ilha pois tudo parecia muito acima da compreensão humana, sobrenatural de uma maneira não legal.

— Cellbit! Tá' pronto? — a voz de Philza tirou o brasileiro de seus devaneios.

— Ah, tô sim! Já estou indo — Cellbit suspirou e colocou sua máscara de gás, uma marca registrada do time vermelho, e indo encontrar seus companheiros.

Juntos, todas as equipes se dirigiram a área determinada para o duelo onde seriam dadas as instruções e logo a disputa começou.

Cellbit foi rápido em conseguir suas primeiras kills, ele era um assassino afinal de contas. Sua experiência juntamente com sua raiva apenas o estimulavam a matar o mais rápido possível e o maior número de pessoas possíveis.

Havia acabado de "matar" Fit e enquanto observava o corpo do amigo desaparecer para ser teletransportado uma voz familiar chegou aos seus ouvidos.

— Mira el Rey de Alcatraz — Roier apareceu sorrateiramente alguns — Veo que todavía estás en forma, gatinho.

Um sorriso se formou nos lábios de Cellbit e ele se virou para encarar o amado.

— Guapito, já estava me perguntando onde você estava.

— Me extrañaste, mi amor? — Roier provocou ao se aproximar, a espada que carregava firme em sua mão direita.

— Claro, e eu sei que você sentiu minha falta também — sorrindo Cellbit tirou alguns segundos para analisar o mexicano melhor — veio aqui apenas

me provocar ou você tem algo em mente?

— Sabes — começou Roier — siempre quise desafiar al Rey de Alcatraz.

— É mesmo? Hoje é o seu dia de sorte então, eu estou bem aqui — Cellbit sacou sua espada rapidamente — preparado para perder, meu amor?

— Siempre listo para derrotarte, gatinho.

Em poucos instantes ambas as espadas se encontraram e eles começaram uma luta ali mesmo. Roier desferiu golpes pesados com a espada e se movia com bastante rapidez, já Cellbit era mais estratégico, sempre observando atentamente os movimentos do outro.

Eles estavam lutando, mas as palavras que saiam de suas bocas eram elogios, flertes e pequenas provocações. E eles permaneceram assim por bons minutos até que, por um descuido do loiro, Roier conseguiu derrubá-lo no chão e o encurralar ali, usando seu corpo como barreira para que o outro não saísse.

A espada de Roier foi fincada no chão pouco acima do ombro de Cellbit, que o encarava intensamente e lhe ofereceu um sorriso orgulhoso.

— Parece que atrapé un gatinho — Roier brincou.

Cellbit sorriu e levou os dedos para os cabelos castanhos de seu marido, depositando uma leve carícia ao passear os dedos entre os fios que tanto amava.

— Parece que você venceu essa meu sol — os olhos cor de safira transbordavam carrinho — quer me matar? Até agora ninguém dos outros times conseguiu sequer tentar isso, acho que essa honra deveria ser sua.

Roier encarou o homem abaixo de si com uma breve insegurança em seu olhar.

— Matarte? Yo no….no creo que pueda hacer eso — a ideia de matar Cellbit, aquele o qual ele amava com toda sua alma, era algo que jamais seria cogitado por Roier nem em seus piores pesadelos.

— Ei, meu sol — Cellbit buscou o olhar do outro — tá tudo bem, lembra? Eu não vou morrer de verdade, só vou ser teletransportado pro local de início.

— Lo se pero…

— Tá tudo bem guapito, vai ser uma honra "morrer" pelas suas mãos — o loiro sorriu docemente e pegou o rosto do outro com carinho — eu confio em você.

Mesmo com o coração doendo Roier fez o que o outro pediu, mas não antes de depositar um beijo casto nos lábios macios de seu marido, vendo seu corpo desaparecer logo depois, com um sorriso enorme no rosto. E ainda sabendo que Cellbit provavelmente estava bem e vivo agora, um desespero tomou conta de Roier.

E se ele realmente tivesse matado Cellbit? E se nunca mais pudesse ver aqueles olhos azuis que tanto amava? E se nunca mais pudesse beijar os lábios do marido? E se nunca mais pudesse abraçar ele ou se aninhar nos braços dele?

Esse medo fez Roier correr o mais rápido possível para o local onde os membros da equipe vermelha reaparecem, suspirando aliviado ao encontrar Cellbit ali, vivo e conversando com um de seus colegas de equipe. Aliviado após certificar o estado do marido, Roier voltou a sua missão, até mesmo mais focado ainda, matando tantos quantos apareciam em sua frente.

Ao final da dinâmica, Cellbit e Roier nem sequer prestaram atenção no anúncio da equipe vencedora e muito menos queriam saber, a única coisa que eles queriam agora era um momento a sós, para finalmente poderem se abraçar como não faziam a algum tempo. Cada minuto em que se passava com aquele bicho esquisito de um olho só falando mais eles queriam sair dali.

Até mesmo alguns colegas de equipe conseguiam notar a inquietação dos dois homens, que não desviavam o olhar um do outro nem por um segundo, ignorando tudo.

Quando a dinâmica finalmente acabou e os times foram dispensados, Cellbit e Roier não esperaram nem um segundo sequer antes de seguirem para uma caverna mais reclusa que eles usavam como ponto de encontro.

Ao se encontrarem lá ambos os corpos se chocaram em um abraço apertado, os braços de Roier se enrolaram no tronco de Cellbit com tanta força que o outro cambaleou ou pouco, rindo com o desespero do marido e retribuindo o abraço.

— Ei, guapito! Não precisa me apertar tanto, eu não vou desaparecer dessa vez — o mexicano levantou o olhar para o rosto do marido, olhando-o com

tanta doçura que por breves segundos lembrou Cellbit de como ele havia o olhado no dia o casamento deles.

— Nunca más me pidas que te mate, fue una de las peores experiencias de mi vida — Cellbit não pode conter uma risada com a indignação presente na voz de Roier enquanto ele falava — No te rías, pendejo!

Parando de rir lentamente, Cellbit segurou o rosto de Roier carinhosamente com as mãos calejadas e cheias de cicatrizes.

— Perdão meu amor, mas você sabe como as coisas são, estão nos vigiando o tempo todo durante as dinâmicas, se você não tivesse me matado talvez acabaria recebendo algum tipo de punição — o loiro deixou um selar nos lábios do outro — e eu não ia morrer de verdade.

— Y qué garantía tenía de eso? Gatinho, estos malditos de la federación ya me quitaron a mi hijo, me podrían haber quitado a ti también — Roier ainda sentia seu coração apertar dolorosamente com a lembrança de Bobby e com a possibilidade de perder o marido também.

— Ei, ei! Eu to aqui amor, eu to bem — puxando o outro novamente para o abraço, Cellbit acariciou as madeixas castanhas, as unhas grandes passando entre os fios com cuidado — Se eles quiserem me matar vão ter que se esforçar muito mais, eu já matei muitos deles e ainda posso matar de novo.

Eles riram com a memória do terror que Cellbit havia instaurado na Federação pouco antes de irem para o purgatório, foram inúmeras as vítimas do momento de insanidade do brasileiro, que com um vasto histórico de assassinatos atribuídos a si, não teve dificuldade alguma em realizar tal feito.

Quando Roier descobriu sobre isso, bom, ele sinceramente não poderia se importar menos com isso. Ele amava o marido, e amava até mesmo esse lado psicopata dele, achava até mesmo atraente como Cellbit poderia ser o pior dos assassinos, mas agia como um adolescente apaixonado consigo.

— Te amo mucho, lo sabes sí? — Roier declarou depois de um tempo, sorrindo largamente.

— Eu sei — os olhos azuis se fixaram mais intensamente em Roier — eu também te amo muito, você é a realização dos sonhos que eu nem ao menos ousava sonhar.

— Pendejo — uma risadinha de Roier foi ouvida — No te atrevas a

decirme cosas tan bonitas mientras piensas tan mal de ti mismo! Me mereces tanto como yo te merezco, esta es la vida que siempre mereciste.

Um leve sorriso adornou os lábios de Cellbit e ele se sentiu feliz, mesmo naquele lugar infernal, pois Roier é como um sonho, que ele pensa desde o amanhecer até quando ele se deita.

Os olhos de Roier são a luz que o guiam na escuridão de seu mundo, ao lado dele Cellbit nunca se sente só, o riso de Cellbit é mais feliz com Roier e o amor deles é a mais bela de todas as canções já escritas.

ANUNCIAÇÃO

Escrito por Ámbar

Ele está lindo.

Cellbit suspira. Não, não.

Ele é lindo.

Os dedos calejados passeiam pelas dobras da fotografia com carinho lento, com medo de tocar a parte colorida e manchá-la com a pele ainda meio suja da gordura da manteiga da pamonha que comia — era *tão bonita*, o Roier

eternizado ali era *tão bonito*, e se Cellbit o estragasse? — antes. No âmago, há outros sentimentos também. Afeição. Admiração. Paixão. E *Saudade*, aquele sem tradução.

E culpa.

Por mais que evitasse pensar nos acontecimentos passados, eles sempre lhe vinham à mente para estragar qualquer faísca de alegria que possuía. O vexame na igreja, a bebedeira exaustiva, seu sogro — ou *ex-sogro*, Cellbit pensa com amargura. Foi uma cadeia de desgraças tão intensa que ele poderia rir se já não estivesse miserável. E ele está tentando superar, realmente está. Seu filho está sorrindo e brincando com os amigos, longe do pai porque sabe que ele está mais ocupado pensando no passado e no futuro do que aproveitando a festa de Junho.

— Obrigado de novo pela foto, Phil.

Philza estava andando de lá a cá entregando fotografias a todo mundo que vê, a câmera bem confortável em suas mãos. Ele é um ótimo fotógrafo, parecendo ter sorte em capturar sempre os melhores momentos. Quando o cara veio a Cellbit, ele aceitou de bom grado pensando que receberia uma foto de Richas ou coisa parecida.

Era uma foto de Roier, uma bonita com o sol baixo ao fundo no momento da captura daquele sorriso doce e despreocupado, com ele trajado nas roupas quadriculadas tão típicas de seu país — *do país de Cellbit* — que deixavam-no extasiado, quase tão maravilhado quanto da primeira vez que o viu vestido assim, tão etéreo e brilhante e chamativo no meio de toda aquela multidão. Roier tem esse efeito nele. Deve ser obra do amor; ao menos, é algo que Richas diria.

— Ponha um sorriso nessa cara, Cell! — Tapeou-o nos ombros. — É festa junina!

A impressão que dá é que Philza está mais animado para a festa do que Cellbit — e nesse ponto, não é só impressão.

— É complicado…

— Nem tudo está perdido, você sabe. — Philza pisca, como se soubesse de algo que Cellbit não sabe. — Vamos dançar ao redor da fogueira! Venha, venha!

Cellbit foi convidado — lê-se: *puxado* — até a enorme fogueira central. O sol inicia seu poer junto aos vagalumes que se aventuram perto da luz do fogo. As crianças giram, cantam, dançam e batem palmas entre si, em uma alegria constante que traz involuntariamente um sorriso ao rosto cansado do investigador. Certo, ele pode esquecer um pouco de seus problemas e aproveitar o momento. Não é sempre que se tem festa junina, não é verdade?

A dança é simples e meio desajeitada. Todos sapateiam ao redor da fogueira, batendo palmas e girando seus chapéus. As crianças são quem mais se divertem, girando, embora alguns adultos — como Philza — pareçam mais crianças que os próprios pequenos. Em meio a tanta folia e alegria puras, Cellbit esquece momentaneamente dos sentimentos conflituosos em seu coração.

Até que ele se vira e dá de cara com Roier.

Roier está o encarando profundamente com seu par de íris cor de café. O cabelo está meio bagunçado e salpicado com retalhos de tecido da festa e suas bochechas estão vermelhas pelo esforço da dança. Ele parece *tão etéreo,* tão real, tão imaculável, *tão, tão.* Merda, ele é tão lindo que deixa Cellbit sem fôlego, mãos suadas escondidas no bolso — e não é pelo calor do fogo entre os dois.

Eles estão distantes há um tempo, mas o olhar de Roier ainda é capaz de dar arrepios. Comumente mente, seus amigos diziam achar bizarra a conexão entre os dois. *"É como se vocês falassem pelo olhar",* Philza comentou uma vez.

Isso acontece. Mais uma vez.

Quiero hablar contigo.

Ao menos, é o que Cellbit "escuta" no semicerrar ferrenho de Roier.

No castelo, em meia hora.

É o que ele teria respondido se tivesse aberto a boca. Roier visivelmente engole em seco, anuindo antes de se virar para a irmã Leonarda com um sorriso lindo.

Nos primeiros quinze minutos, Cellbit vai com Richarlyson comer umas pamonhas na quitanda antes de deixá-lo com seus outros pais — não sem

antes se despedir com um afago nos cabelos, é claro. Ainda há gosto de milho quando ele acena para os convidados, caminhando com pressa ansiosa pela estrada até sua casa. Às vezes, ele ouve um galho ou outro sendo pisado atrás de si. Noutros momentos, teria deixado-o eriçado em total estado de alerta. Ele não se preocupa, no entanto, justamente por saber *quem* também o seguia pelo rumo de casa.

Para a casa que deveria ser *deles.*

Ao pisar no tapete vermelho macio da Sala do Trono, Cellbit suspira e se vira ao visitante. Alivia-o que Roier pareça igualmente nervoso. Seu *amado* é do tipo que mascara as emoções com um sorriso e uma piada bem fundamentada na ponta da língua, raras as vezes que permite que alguém veja por trás de sua máscara inquebrável. Seus filhos podem. Jaiden pode.

E Cellbit também.

— Ei.

— *Hola.*

— Você… — Cellbit pigarreia. Sua garganta parece seca. E ele parece um idiota do caralho que mal consegue pronunciar duas sílabas sem gaguejar. — queria falar comigo?

— *Si, yo…* — Ele respirou fundo, afastando algumas mechas rebeldes de cabelo que caíam sobre os olhos. As mãos de Cellbit coçaram. *Ele* queria afastá-las. — *Mi abuelo despertó.*

Isso…

— Ele… está bem?

— *Bien vivo, si.*

Puta merda.

Cellbit ainda não gosta do velho, e sabe bem como a coisa deve ser recíproca. Ele ainda se sente enganado depois de tudo, como se tivesse sido tratado como um idiota. Como ele saberia que o avô estava apenas *brincando?* Ninguém brinca de se odiar, Cellbit acha. Muito menos odiar Roier. Ele não conseguiria fazer isso nem em pensamentos.

Mas agora que sabe o quão positiva — e esquisita — é a relação entre

Roier e seu avô, Cellbit fica feliz de saber que seu amado deve estar feliz pelo bem do velho insuportável.

— Isso é ótimo.

Roier o olhou diretamente nos olhos — *ah, lindos olhos cor de café* — e sorriu para ele pela primeira vez no dia.

— *Si, és.*

Acontece que a volta do avô trouxe novos sentimentos entre os dois. Ou melhor dizendo, recuperou o que estava perdido, se é que pode ser chamado assim. Roier deu alguns passos para frente, conversando em espanhol baixo e lento. Meio tímido, até. É extremamente cativante. Quanto mais tempo passam juntos, novas facetas de Roier são mostradas a Cellbit. Dia após dia. Conversa após conversa.

É possível se apaixonar por alguém mais a cada segundo que passa?

— *Te extrañé.*

E mesmo que essa não fosse uma palavra tão comum no vocabulário portunhol, a convivência com Roier o fez aprender novas palavras. Ele ainda tem um dicionário português-espanhol escondido entre seus livros paranormais. Essa palavra é algo parecido com…

— Saudade… — respondeu, quase sem ar. — Eu também senti saudades suas, Roier.

— *Bueno, bebé.*

Eles conversaram sobre tudo. E também, sobre nada. É como se tivessem rebobinado o tempo e retornado ao início de sua relação, onde olhares longos traziam estranheza e toques fantasmas de mãos culminaram em risadas baixas e doces. Apaixonar-se por Roier é ser um eterno adolescente apaixonado. Ao mesmo tempo, é saber reconhecer os limites de sua paixão. É tornar-se responsável pelo o que sente. É…

É tudo.

— *Estar lejos de ti es una de las cosas más difíciles del mundo.* — Roier sempre é tão honesto sobre o que sente, mesmo que seja demais ou que o envergonhe. Ele sempre dirá. Principalmente quando é com Cellbit com quem

ele está conversando. Há apenas essa vontade natural de querer ser ele mesmo com ele. Às vezes, Roier pensa que Cellbit não tem conhecimento do poder que tem. — *Ya no quiero esto.*

— Estar comigo? — Cellbit engoliu em seco.

Roier bufou e o tapeou na orelha.

— *Estar lejos, idiota.* — corrigiu-o, biquinho nos lábios. — *Estar contigo es la cosa que más deseo.*

Os dois estão sentados no banco da varanda do quarto — do quarto deles. A virada da tarde para a noite ocorre diante deles, as poucas estrelas aparecendo na parte azul mais clara do céu. Roier encara-o com barreiras abaixadas e foco disperso, parecendo tão aberto a tudo, desde que Cellbit também estivesse. Seus olhos estavam semicerrados e brilhantes como nunca, tão sinceros que doía.

E porra, Cellbit também o queria tanto.

— Eu sofri longe de você dia após dia. — saiu sem permissão. Cellbit se viu como um livro aberto ali, naquela varanda, deixando-se ser lido pelo olhar expectante de Roier. — Eu chorei, surtei, murmurei, me descabelei e fiz loucuras absurdas longe de você.

— *Yo sé.*

Aquela risadinha indicava que ele estava se lembrando do vexame na igreja. Demorou até que Roier entendesse que casamentos juninos não eram casamentos de verdade, e mais ainda para que compreendesse que tudo não passou de um puro surto movido por emoção, sentimentalismo e desespero.

— Aquilo foi um momento de fraqueza.

— *Fraquessa'* — repete, seu sotaque tornando toda aquela tensão mais suportável — , *tu dices?*

— *Você* é uma das minhas maiores fraquezas, Roier. — E aquela foi uma das frases mais puras, honestas e saídas do coração que Cellbit já disse, tão real que trouxe surpresa aos olhos do mexicano. Arregalados. Adoráveis. — Eu *matei* só pela probabilidade, por menor que fosse, de não poder me casar com você. E eu sei que foi estúpido, imprudente e irracional, mas…

Cellbit pisca. Há uma ardência inconveniente em seus olhos. Ele gostaria de botar culpa na luz do Sol, mas ele já está baixo demais para poder assumir por seus pecados. O pôer vem lento, como quem os permite conversar por mais tempo sob luminosidade o suficiente para que possam observar os menores detalhes do rosto do outro.

— Eu não queria te perder. — Suspira. — Eu *não quero* te perder, Roier.

Os dedos de Roier vêm para secar uma lágrima traiçoeira que acumula no canto de seu olho esquerdo. Cellbit pisca, a silhueta de seu amado ficando turva por um breve momento. Ele vê carinho em Roier. Ao mesmo tempo, também há dúvida e um pouco de receio.

— *¿Me matarías, Cellbit?*

E para Cellbit, aquela foi uma pergunta fácil. Muito fácil.

— Não. — Buscou seus olhos e manteve o olhar firme. Ele queria mostrar certeza; para que Roier sentisse certeza também. — Eu mataria e *matei* por você. — ele fala sílaba a sílaba, fonema a fonema. E é a coisa mais honesta que sai de sua boca naquele dia. —, mas *nunca* você.

Os olhos amendoados de Roier se arregalaram como pires, e a visão é tão adorável que Cellbit estaria sorrindo como um bobo se não estivesse tão focado em manter a pose séria — que sempre era difícil de manter quando estava perto do mexicano. Com um suspiro, a barreira entre eles desmorona, e um sorriso doce se desprende nos lábios de Roier.

— *Yo también.*

— Que?

Ele se sente estúpido. E boquiaberto.

— *Mataría por ti.* — repete — *Sin pensarlo dos veces.*

Isso é meio romântico. Para os padrões de Cellbit e Roier, é claro. É como dizem os populares: o remédio para um doido é um doido e meio, e talvez eles estivessem um pouco — muito — envolvidos na imensidão caótica que era amar o outro. E para eles, era apenas o que bastava, por mais emocional e incerto que fosse toda aquela bagagem emocional que eles carregavam.

Se possível, eles estavam dispostos a lidar com isso — seus sentimentos

— da melhor maneira agora. Na conversa. No olhar. No curvar honesto de lábios. Na piscada doce. No toque suave. Na verdade.

Cellbit mal nota quando sente um aperto breve em sua mão. Roier está o segurando, talvez um pouco mais firme do que gostaria de demonstrar. Ele percebe que não é o único que acredita que tudo aquilo é um sonho e que um mero piscar de olhos poderia aniquilar toda a coisa bonita que estava acontecendo entre os dois.

Então, ele aperta a mão de volta. Apenas para garantir aos dois que, sim, aquilo era real.

— *Me gustas tu, ¿sabes?*

Ah, Roier o mataria de infarto do coração qualquer dias desses.

— Não mais do que eu te amo.

Mas é bom saber que suas palavras também o afetam na mesma moeda, a julgar pelo rubor bonito que sobe por seu pescoço e bochechas. Roier pigarreia enquanto se inclina em sua direção, meio o encarando, meio desviando o olhar sempre que se sente envergonhado demais para olhá-lo.

O pôr do Sol está no ápice quando seus lábios se tocam pela primeira vez. De quem vê de fora, acredita que o Sol demorou para dormir de propósito. Do outro lado, no inconsciente, é provável que a grande estrela estivesse dando sua benção ao casal de pombinhos debruçado sobre aquele banco na varanda, suspiros engolidos pelo calor atônito de seus lábios agora inchados.

— Eu… — Roier lambe os lábios como se estes estivessem secos, mas a verdade é que ele o faz para recuperar o gosto remanescente da boca de Cellbit na sua. — *Podemos salir... ¿mañana?*

Cellbit engasga com a própria saliva porque, porra, isso era um chamado para um encontro? *Por favor, sim.*

— Tacos? — pergunta, tímido.

— Tacos — Roier responde, com as bochechas igualmente quentes. — E horchata. Vai ser bom.

— Qualquer coisa é boa — Cellbit sussurra —, desde que eu esteja com você.

É o bastante para que Roier se levante do banco. Seus joelhos estão tremendo um pouco, e ele pisca tanto que é como se seus olhos estivessem repletos de ciscos. E ele está tão, tão vermelho. É a coisa mais adorável e bonita que Cellbit já viu. É possível se apaixonar por alguém mais e mais a cada dia? Não, a cada segundo?

— *Nos vemos mañana, entonces.*

— Sim…

Roier suspira e morde o lábio inferior. Ele está prestes a ir embora para a própria casa, mas não deixa de se virar um pouco para encará-lo uma última vez naquele dia. Há estrelas acima de suas cabeças e uma Lua Cheia e esbelta iluminando seus olhares cheios de amor e esperança.

— Até, gatinho.

Ele me chamou de gatinho!

— ATÉ, GUAPITO!

Cellbit responde com a animação de um adolescente, mas, ei, Roier o faz se sentir como se fosse um adolescente apaixonado, suspirando e surtando pelos cantos. Não é ruim; pelo contrário, é um dos sentimentos mais puros e felizes que ele já sentiu. E agora, ele tem um encontro. Com Roier. Seu namorado? Noivo? Ficante?

Nesse ponto, isso não importa. Desde que ele esteja com Roier em seus braços, todo o resto valerá a pena.

FayeFableIllustrations

A LITTLE (BIT OF) LOVE

Escrito por A.D, traduzido por Ámbar

Tudo parecia normal: Cellbit e Roier estão caminhando juntos pela Favela durante o pôr do sol, cafés de Starbobby fresquinhos nas mãos. Cellbit não consegue parar de olhar para Roier, e Roier não consegue parar de olhar para Cellbit. Bobby está observando-os lá de cima, provavelmente revirando os olhos para o quão bobo seu pai se parece quando está apaixonado.

E há duas *criaturas* andando a um passo de distância do casal, as quais Cellbit está ignorando propositalmente.

Em algum momento, ao lado de um canteiro de flores recém plantadas, o sapato de Roier desamarrou. Cellbit se ofereceu para amarrá-lo, ao passo que Roier riu, provocando-o. Cellbit não se abala, entregando seu café para que o marido segurasse enquanto se abaixava para pegar os cadarços nas mãos.

Mal visível por entre o vão das pernas de Roier, Pulgoier olha fixamente para as flores. Elas são mais altas do que ele, mas por muito pouco.

?, o cruz credo, segue o olhar de Pulgoier. E então, bizarramente, e por pura vontade própria, alcança uma das flores, arrancando-a da base do caule e estendendo-a então para Pulgoier, a cabeça um pouco baixa, quase tímida. Pulgoier não sorri, apenas porque não pode, mas pega a flor.

Congelado em uma expressão de nojo, Cellbit não reage enquanto Roier irritadamente bate em sua cabeça, questionando aquela demora toda. Por que ele continua parado? Qual é o problema?

E então Roier se vira e vê, boquiaberto, seu Mini-Me com a flor segurada próxima ao peito, dando um beijinho na bochecha de ?.

— Aww, olha só! — murmura animadamente, os dedos se enrolando no cabelo de Cellbit. — Eles se *amam!*

Mas Cellbit não sente *nada.*

O filho de Cellbit se foi. Então, uma parte significativa de seu coração se foi com ele; ainda assim, Cellbit sabe que é capaz de sentir amor. Ele está vivo, afinal. Ele não é um homem religioso, mas gosta de pensar que tudo que porta um coração pode ser capaz de amar. Cães amam seus donos. Leões amam suas parceiras. Crocodilos amam caçar. Papagaios amam se exibir.

Mas os Mini-Mes? Aquelas coisas nem vida devem ter. Eles não são reais. São de plástico, feltro, lã ou qualquer outra merda eletrônica que a Federação deve ter enfiado em seus corpinhos patéticos. Seus nervos certamente são feitos de cobre. Suas veias, entupidas de óleo de máquina. Seus corações, funcionando como motores a combustão alimentados com aquilo que os ilhéus dão a eles todos os dias.

Cellbit sabe disso. Ele esfaqueou seu próprio Mini-Me tantas vezes que ? sabe que não deve se contorcer durante a dissecação. Toda vez que costurava-o de volta, ele fazia ? segurar o rolo de barbante para que não rolasse para longe. Uma vez, ele fez aquela coisinha sangrar tanto óleo a ponto de pegá-lo em flagrante bebendo gasolina enquanto Cellbit estava de costas.

Mini-Mes não experienciam emoções. Eles não podem. Porque eles não são reais. Eles são meras criaturas, se é que é justo chamar uma junção desumana de fios e microplásticos ecológicos de *criatura.* Talvez seja mais apropriado pensar neles como robôs.

Ou *Monstros.*

Cellbit sabe que os Mini-Mes foram criados com o propósito de guerra. Ele assistiu ao vídeo naquela conferência, e sabe *exatamente* para que os diabinhos foram feitos. Agora que foram roubados, seu propósito provavelmente foi mudado pela Federação de matança para espionagem.

Eles não podem *amar.* Disso, Cellbit sabe. Aquelas coisas foram criadas para matar, e agora estão apenas na espreita, aguardando o momento do bote. *Esperando.*

? parecer estar apaixonado por Pulgoier é um ato tão atípico que deveria ser descartado. No pior dos casos, eles devem estar apenas imitando seus donos, só isso. O que levanta a questão do quão adaptáveis os Mini-Mes *realmente* são. Certo, eles podem mudar de aparência num piscar de olhos, mas de comportamento também? Eles estavam agindo de forma robótica até então. O que mudou?

Cellbit pergunta isso a ? quando a coisa está sentada em sua gaiola, encarando a parede manchada de óleo. ?, é claro, não responde. Isso é bom. Cellbit não sabe o que faria se aquele diabo aprendesse a *falar*.

Mas, na falta de uma resposta, Cellbit inexplicavelmente tem uma sensação de... Deus, é bravura o que ele está sentindo? E vindo de ?, aquela coisinha? Ele está tendo uma *atitude?*

Semicerrando os olhos, Cellbit se aproxima da gaiola com um sorriso de escárnio.

— Seja lá o que você estiver fazendo — rosna —, *eu tô de olho em você.*

? apenas ajusta seus óculos — aqueles no topo da cabeça — em resposta. Sua mãozinha mergulha brevemente na luz da Sala do Medo, expondo uma fina linha preta desenhada ao redor do anelar da mão esquerda. Um anel.

Cellbit fica tão surpreso que mal sente raiva por um breve momento.

Então, ? olha para ele como se perguntasse: *"O que foi, ein?"*, e Cellbit se vê de pé, chutando a gaiola com tanta força que ela cai, derrubando ? junto.

Um *anel*. A porra de um *anel.*

É uma piada, só pode. Estão zombando da cara dele. A Federação está. Ele sabe disso, porra.

(Mas, por quê?)

Pulgoier criou o hábito de segurar a mão de ?. Se já não fosse o bastante, ? passou a pegar coisas na beira da estrada para presentear o outro, e Cellbit

odeia isso.

Roier faz de uma caixa de sapato uma pequena cama para os dois, colocada debaixo da cama dele e de Cellbit. Agora, ? e Pulgoier vão lá para "dormir", e, novamente, Cellbit odeia isso.

? e Pulgoier sentam-se frente a frente no chão enquanto seus donos comem. Às vezes, eles até fingem comer, geralmente fingindo alimentar um ao outro, e Cellbit *odeia essa merda.*

A esse ponto, Richarlyson já teria os matado. Cellbit deseja que ele estivesse aqui para fazê-lo, mas...

Mas…

Mas já passa da meia-noite, e Cellbit não consegue dormir. Não é como se fosse incomum; querendo ou não, ele aprendeu a viver com o mínimo de sono durante a Guerra, então ele já está acostumado.

Porém, *Roier* não consegue dormir, o que significa que ele está em algum lugar do castelo; o que também significa que *Cellbit* está lá com ele, porque não há a mínima chance de deixar seu marido deprimido e insone vagar por aí de luto, sozinho.

O *"algum lugar"* desta noite é o jardim. Cellbit tem Roier em seus braços enquanto eles se balançam para frente e para trás ao som da música tocando suavemente no comunicador de Roier. (A Federação é uma desgraçada por *inúmeros* motivos, mas pelo menos está fornecendo Spotify Premium gratuitamente aos ilhéus.)

Contudo, a música não é importante, tal qual as duas pequenas aberrações da natureza observando-os de baixo de uma roseira; certamente, também não são importantes as câmeras da Federação escondidas; nem Bad em algum lugar lá embaixo tentando carregar sua mesa de jantar porta afora; e muito menos a sede de sangue coçando no fundo do cérebro de Cellbit.

O importante disso tudo é Roier, e, por isso, Cellbit concentra toda a sua

atenção nele.

Ele está claramente cansado: seu cabelo está mais bagunçado do que o normal; suas roupas, amarrotadas e enrugadas; seus sapatos, desamarrados; sua bandana, provavelmente perdida em algum lugar do quarto; seus lábios, rachados; e as olheiras, escuras o suficiente para rivalizar com as de Cellbit.

Ainda assim, Cellbit acha que nunca viu um homem tão bonito em sua vida.

Ele o diz em voz alta, as palavras cutucando os lábios pálidos de Roier, que sorri fracamente e murmura, baixinho:

— Não... *É você.*

A música muda, agora um pouco mais animada. Ambos ignoram a mudança de ritmo, decididos a seguir o ritmo um do outro.

Os braços de Cellbit apertam Roier. Ele o puxa para mais perto, o nariz enterrado na lateral de seu pescoço, respirando de seu cheiro e internalizando-o, arquivando-o na pequena cavidade de seu cérebro rotulada *'Roier'*.

— Você fede — ele resmunga.

— Claro, você está em cima de mim. — Roier o responde, beliscando levemente a lateral do corpo alheio. — Já sei o que faremos quando voltarmos para dentro.

Cellbit se encolhe em seus braços, choramingando. Ele ama o marido, mas não ama tomar banho com ele. Roier fica tanto tempo debaixo da água ao ponto de deixá-la extremamente gelada quando chega sua vez banhar, e seu xampu cheira tão forte que faz Cellbit ter um ataque de asma.

E Cellbit *nem tem* asma!

Infelizmente, o que Cellbit *tem* é uma audição extremamente aguçada. Às vezes, é uma benção; noutras, uma maldição.

Sua sobrancelha se contrai em aborrecimento quando ele ouve o mais *tênue* dos sons: o estalar da grama sob pés desajeitados no trabalho excessivo de criaturinhas tentando descobrir como é rir.

Ao mesmo tempo, Roier suspira:

— *¡Mira, mira!*

Cellbit não olha. Por que deveria? Ele está tão bem ali, se divertindo. Ele não precisa daquelas... coisas estragando tudo.

— Ay — Roier insiste, cutucando-o no meio de suas costelas —, *gatinho, mira.*

Outra cutucada.

— *¡Mira!*

E outra.

— Cellbit…

Outra.

— *Cellbo.*

Os olhos de Cellbit se fecham com força. Ele pressiona um beijo na curva do pescoço de Roier na fútil tentativa de acalmar seus ânimos, mas sua resposta logo vem na forma de outro cutucão, ainda mais *firme* que os anteriores.

— Pare de me ignorar! — Ele bufa. — Só se… você me odeia? Quer se separar, é isso?

Cellbit imediatamente levanta a cabeça, em pânico.

— NÃO!

Por que Roier iria…

Com os lábios contraídos em um sorrisinho, Roier agarra o rosto de Cellbit com uma mão, apertando suas bochechas e virando seu rosto para o lado, a cara esticada e os olhos meio esbugalhados como um peixe.

… *Ah, sim.* Se tem uma coisa que Roier é, *é um idiota do caralho.* (E um idiota bonito, ainda por cima.)

Os ombros de Cellbit cedem em alívio, que rapidamente se transforma em frustração ao se ver forçado a olhar para os Mini-Mes e sua... bem, não é uma dança, isso ele tem certeza.

Tal qual Roier, Pulgoier assumiu a liderança. Ele está segurando as mãozinhas de ?, balançando de um lado para o outro. Esquerda e direita.

Esquerda, direita. *Esquerda. Direita.* Ele não se move realmente do lugar, no máximo arrasta os pés enquanto tenta puxar as mãos de ? na tentativa de fazê-lo realmente *se mexer.*

? está olhando diretamente para os olhinhos redondos de Pulgoier, paralisado. Se aquela coisinha pudesse corar, Cellbit tem certeza de que ? o faria.

Sem perceber, Cellbit o copia, enrijecendo-se contra o corpo de Roier e parando todo e qualquer movimento que fizera anteriormente. Não era sua intenção — ele *quer* continuar dançando, ignorando os Mini-Mes e sua imitação esquisita de "romance", mas...

— Olha só… — Roier não só está calmo, como parece quase impressionado. Ele solta o rosto de Cellbit, pressionando a bochecha contra a dele. O movimento de seu maxilar é sentido contra o rosto alheio quando ele solta: — *São nós dois.*

E pior que… é. É, de certa forma, de um jeito tão intrínseco que Cellbit não pode realmente classificá-los como algo além de Cellbit-E-Roier.

— É… — ele quase sussurra.

Ele observa quando Pulgoier puxa os braços de ?, suas perninhas começando a tremer.

Agora, Cellbit nota que não se lembra muito da valsa no dia de seu casamento. Entre as explosões e a bebida, todas suas lembranças são apenas de rostos borrados e a sensação de estar envolto por *Roier-Roier-Roier-Roier-Roier.*

O que ele de fato *lembra* é de ir com marido para o centro da pista de dança e paralisar. O mundo ao seu redor desapareceu, e tudo o que ele conseguia pensar era no sorriso de Roier enquanto ele o pegava em seus braços; nas mãos quentes em seu corpo; no hálito misturado com álcool batendo em seu rosto. E no entanto, seu próprio corpo estava estranho.

Ele se lembra de pensar: *"Puta merda, eu não sei dançar."* Porque ele realmente não sabia — e ainda não sabe —, porque nunca teve a chance de aprender. Nunca houve a necessidade antes, e então, do nada, ele tinha que dançar. No dia de seu casamento. Na frente de todo mundo da ilha. E de todos que conhecia.

E ele se lembra da maneira como o rosto de Roier suavizou ao notar a ansiedade do marido. Suas mãos deslizaram das costas de Cellbit até seus ombros, descendo pelos braços e alcançando suas mãos. Ele entrelaçou seus dedos, deu um passinho para trás e piscou.

Fisicamente, Pulgoier não consegue piscar, mas, de resto, a coisinha faz exatamente o que Roier fez meses atrás: dá um passo para trás e começa a *girar*.

? não pode gritar como Cellbit fez naquela época, mas, de novo, ? repete tudo o que ele fez meses atrás: é puxado, forçado a girar junto a seu parceiro, tropeça nos próprios pés e se debate como uma boneca de pano carregada pelo vento.

— Não posso acreditar nisso — Cellbit murmura.

— Pois eu posso. Ele é seu Mini-Me, é óbvio que ele é um dançarino de merda.

O pisão indignado de Cellbit em seu pé tira dele uma risada.

Roier está certo, no entanto: Cellbit é um dançarino de merda. Que nem ?, aparentemente, sendo o clonezinho barato dele.

Na noite do casamento, Cellbit se lembra de levar um longo minuto para se recompor. Ele sorriu, e talvez fosse o vinho no sangue, mas ele se viu puxando Roier em um giro na direção oposta. Foi tonto e desengonçado para caralho, mas fez Roier rir, então Cellbit apenas... continuou. Eventualmente, sua sequência de giros levou-os a uma tentativa falha de uma dança lenta tão miserável que os dois desistiram e decidiram engatar em outra rodada de karaokê.

Hoje à noite, ? pega o jeito um pouco mais rápido do que Cellbit. Ele se estabiliza, acena e começa a puxar Pulgoier para um giro, em seu próprio ritmo. No minuto seguinte, eles estão tentando ter uma dança decente, e Cellbit…

E Cellbit não *entende*.

No começo, Cellbit não tinha certeza do real propósito dos Mini-Mes. Então, ele notou que as coisinhas são pequenos soldados — super soldados robóticos capazes de se desenvolverem e se auto multiplicarem, pequenas máquinas de guerra literais.

Mas então... por que eles se parecem tanto com os ilhéus? Por que Pulgoier herdou as mesmas olheiras de Roier? Por que ? compartilha da mesma cicatriz no peito que Cellbit? Qual é o objetivo? A Federação não faz nada sem um motivo por trás, então por que os Mini-Mes têm que se parecer com seus donos se eles deveriam apenas crescer e matá-los?

Por que merda eles podem *dançar?*

— Por que… — ele murmura. Roier cantarola, e Cellbit vê como um incentivo para continuar — eles nos imitam?

— Porque somos irresistíveis.

Cellbit revira os olhos.

— Sim, sim, realmente. Mas, pensa comigo: pra que essas… — Ele balança a mão na direção dos Mine-Mes. — … *coisas* servem?

— Eu não faço a mínima ideia, mas… *olhe pra eles.*

Cellbit olha. Uma sensação desconfortável lhe vem à garganta. Ele não entende.

? gira Pulgoier, levando-o a um mergulho. É quando Pulgoier levanta a cabeça, pressionando suas bocas juntas.

Cellbit sente o peito apertado e tenta desviar o olhar, mas ele simplesmente... não consegue. Não, porra, ele não pode. Não quando eles estão ali, não quando eles estão…

— Você acha que eles estão aprendendo com a gente, né? — Roier pergunta. — Então… acho que eles não estejam aprendendo a nos matar. Talvez eles só aprendam a *ser como nós.*

Cellbit o encara fixamente.

— E não é tão ruim quanto?

Roier dá de ombros, ainda encantado pelos monstrinhos.

— Talvez. Eu não sou um especialista, mas… Não é doido pensar que ensinamos robôs a amar?

Robôs não podem amar. Eles *não podem.*

Os braços de Roier apertam o corpo de Cellbit. Seu sorriso é tão forçado quanto tem sido desde que todos os ovos desapareceram, mas seus olhos são surpreendentemente suaves quando ele observa os Mini-Mes caírem na grama junto ao impacto de sua risada silenciosa — e irreal.

— Eles só estão nos imitando. — Cellbit diz fracamente. — Nada disso *é real.*

— Talvez. — Roier cantarola. Uma de suas mãos viaja até a parte de trás da cabeça de Cellbit, puxando-a gentilmente contra o peito. Cellbit deseja que seu coração bata no mesmo ritmo do de Roier. — Ou *talvez* seja real. Nós nos encontramos no outro, talvez tenha acontecido o mesmo com eles.

Eles continuam assistindo aos Mini-Mes, e os pequenos não percebem. O tempo passa e a música muda. Roier puxa Cellbit para outra dança. E com os olhos fechados, ele se deixa levar.

(Bagi teria o chamado de monstro por suas ações, mas mesmo Cellbit foi capaz de encontrar o amor. Então talvez, *apenas talvez,* ? também fosse capaz de fazer o mesmo.)

Amor de Chocolate

Escrito por Dove, traduzido por Cellorionn

Normalmente, Cellbit se encontrava acordado toda a noite investigando ou escrevendo em seu diário, mantendo sua mente ocupada com seu trabalho e tudo o que acontecia ao seu redor.

Sem dúvida essa noite era uma exceção, pois não podia deixar de pensar em outra coisa totalmente diferente dessa vez… Pensava no dia de São Valentim, ou melhor, o Dia dos Namorados.

E ele nunca se importou com essa data durante todos os seus anos de vida, às vezes esquecia por completo, mas esse ano seria seu primeiro Dia dos Namorados com Roier.

Seu marido. Seu esposo.

E o normal seria ter um plano para celebrar, um jantar, um encontro, algo especial.

Mas Cellbit *não tinha nada.*

Não era sua culpa, depois de tudo jamais se importaria em ter uma pessoa especial para passar esse dia junto, incluindo chegando a desprezá-lo.

Sem dúvidas, desde que se casou com Roier muitas coisas tem mudado; ele encontrou felicidade em detalhes tão simples que antes nem sequer reparava.

Algo tão simples como estar ao seu lado em completo silêncio era o suficiente para acalmar seu coração.

Por causa disso, ele quis se esforçar mais do que nunca para fazer algo, então aqui começou sua missão.

— Pode se concentrar, Bagi? — Cellbit franziu o cenho com um pouco de estresse.

Era 2 da tarde nesse momento, havia ligado para sua irmã atrás de um conselho, já que agora ela estava em um relacionamento com Tina.

— Pfff… Desculpa, é que eu nunca te vi tão nervoso por algo assim.

Cellbit sentiu suas bochechas queimarem enquanto segurava o telefone perto do ouvido.

— Já sei! Mas, é sério, preciso de ajuda, tenho que preparar algo especial para Roier.

O de olhos azulados começou a dar voltas por toda sua casa, havia se escondido na sua sala de investigações enquanto Roier se encarregava de dar de comer aos seus filhos no andar de cima.

— Tem pensado em comprar algo? Não sei… Roupa? — perguntou Bagi tranquilamente enquanto tinha uma xícara de chá em sua mão esquerda.

— Pensei nisso, mas aí fui ver o guarda-roupa dele e estava completamente cheio, ele é o que tem mais roupa nessa ilha! — Cellbit suspirou, sentindo uma dor na cabeça, não tinha imaginado que preparar um simples presente iria ser tão difícil.

— Okay, okay, se acalma — Bagi sorriu levemente e seu tom de voz se tornou mais suave — Cellbit, escuta, sei que você está muito preocupado porque és o teu primeiro Dia dos Namorados com Roier, mas às vezes os simples detalhes são suficientes, por que só não passa um tempinho com ele? Deem um passeio, conversem, coisas assim.

Cellbit ficou em silêncio, olhando atentamente a pintura pregada em sua parede.

Era uma pintura dele, pintada por ninguém mais do que seu marido.

Roier sempre havia se encarregado de fazê-lo se sentir amado, incluindo quando havia poucas coisas em sua personalidade nas quais ele acreditava que se podia amar.

Não podia esconder isso, sentia medo, insegurança. Roier era perfeito, era tudo o que podia pedir e mais, então a simples ideia de não poder devolver todo o amor que recebia deixava-o nervoso.

— Tenho medo, Bagi… — Sussurrou Cellbit, rompendo o silêncio. — Medo de mão ser suficiente para ele. Fiz coisas horríveis e sei que a pessoa que fui uma vez ainda está aqui, escondida, esperando o momento certo para sair… Então preciso fazer uma coisa bem feita, tenho que conseguir ser o esposo perfeito para ele.

Bagi sentiu um pouco de tristeza ao escutar seu irmão falar tão mal de si mesmo, mas também entendia que ele devia ter passado por muito para acreditar nesse tipo de coisa, e o mais importante, sabia que o que quer que ela dissesse não teria muito impacto nele, ao contrário, justamente, de Roier.

— Entendo… Então, poderia fazer várias coisas para ele já que nenhuma ideia parece te convencer — Bagi hesitou um segundo antes de continuar — Só não esqueça que, não importa o que você vá fazer, Roier ficará maravilhado pela mais simples coisa do mundo, desde que seja planejada por ti.

Um leve sorriso apareceu no rosto de Cellbit, só de imaginar seu tão lindo esposo feliz pelo seu presente lhe dava mais energia, de alguma forma.

No final, só queria ser uma pessoa boa para ele.

Passaram alguns minutos e Cellbit finalmente decidiu sair, encontrando Roier recolhendo a mesa.

— Finalmente! Você perdeu o almoço, vai ter que servir algo sozinho — disse o mexicano enquanto limpava os pratos.

— Desculpa a demora… A ligação durou mais do que eu esperava — Cellbit se encontrava tão inseguro que parecia um gato recém-nascido.

— E conversou sobre o que com Bagi? Está tudo bem? — essa pergunta conseguiu deixar os pelos do brasileiro eriçados.

— Ah, coisas sem importância, só falamos sobre o que está acontecendo nas nossas vidas e coisa assim… Sabia que o aniversário de namoro dela com Tina é em duas semanas? — Seu tom de voz era claramente fingido, parecia que ele estava forçando um sorriso e falhando miseravelmente.

Roier notou, claro, pois sabia que sempre que seu marido ficava nervoso acabava falando demais e muito rápido

— Okay… Fico feliz por elas — respirou fundo por um segundo antes de encolher os ombros e esquecer esse assunto — Enfim, já que está livre…

Com cuidado secou as mãos com uma toalha da cozinha e caminhou até o de olhos azuis, vendo-o com um sorriso sedutor

— Vem comigo e com os pequenos para uma passeio. Pepito viu a foto de um animal raro no nosso álbum e disse que queria muito ver um pessoalmente.

Enquanto falava, ele pôs suas duas mãos nos ombros de Cellbit, acariciando-o lentamente sobre a jaqueta verde que vestia.

Ele rapidamente notou a respiração agitada de Cellbit.

Olhou seu marido nos olhos e sabia que tinha que dizer que sim, depois de tudo era seu dever cumprir com todos os caprichos de seus filhos e esposo.

Mas então olhou de canto para a cozinha, lembrou perfeitamente de seu plano e tudo que teria que fazer para supreender o mexicano. Mordeu a língua e se separou de Roier, mantendo distância entre eles.

— Desculpa, guapito, não posso ir agora, mas espero que se divirtam! — E tão rápido quanto a velocidade de sua fala, virou e começou a caminhar até seu quarto.

Roier ficou alí, imóvel. Sua mente estava um pouco confusa, tinha certeza que a resposta seria positiva mas isso o pegou de surpresa, sair tão friamente como agora não era algo que Cellbit faria.

Seu coração chorou um pouco, mas preferiu silenciá-lo por agora, queria pensar que isso realmente não iria significar nada, que só estava ocupado demais para eles neste momento.

Tudo estava bem.

Pouco depois das crianças se despedirem de seu pai junto com Roier,

saíram do castelo, deixando Cellbit sozinho por completo, foi então que começou sua missão: “Preparar-o-melhor-presente-para-meu-marido”.

Rapidamente pegou tudo o que achava que precisaria para sua primeira ideia: escrever uma carta.

Todos gostavam de cartas de amor e, depois de uma pequena pesquisa em seu computador, hoje em dia era muito popular entregar cartas em uma data especial como essa.

E parecia algo simples no início, colocar só um par de palavras que expressem seu amor por ele e o quão feliz está ao seu lado. Porém, é claro, Cellbit não pensou que custaria tanto descrever seus próprios sentimentos.

Primeiro quis repassar todo o relacionamento, contando todas as coisas que o fizeram se apaixonar por Roier, contar tudo a partir de como ele se sentiu, mas pensou que isso seria entediante de ler então desistiu.

Quase escreveu um poema, um especial que seria dedicado somente para ele… Mas Cellbit não sabia escrever poemas.

As horas passaram e sem se dar conta já havia tentado 7 vezes, todas falhas.

Nada lhe parecia perfeito. Nada lhe parecia o suficiente para expressar totalmente tudo o que sentia por Roier, porque ele era único, era tudo o que precisava e tudo o que podia pedir e mais.

Roier, sem se dar conta, o salvou, ele pôs cor a vida de Cellbit, a deixou cheia de energina e luz, como um sol que ilumina as flores na primavera.

Cellbit precisa de Roier assim como o ser humano precisa de oxigênio.

Expressar isso era algo que não podia fazer, porque as vezes ele também se surpreendia com seus sentimentos sobre o mexicano.

E, Cellbit estava pronto para voltar a tentar, mas então, umas batidinhas em sua porta chamaram sua atenção. Rápido como um trovão, agarrou todos os papeis e os enfiou na gaveta de sua mesa.

— Entre! — gritou enquanto arrumava sua roupa, tentando parecer o maisnna natural possível.

A porta se abriu e um pequeno menino de óculos entrou, dando passos

pequenos e lentos.

— O que houve, Pepito? — O coração do brasileiro se tranquilizou um pouco ao ver seu filho.

— Pa Roier disse que daqui a pouco o jantar estará pronto para comer.

— Ah, okay, vamos, vamos. — lentamente, o de olhos azuis se levantou e caminhou em direção ao garoto, segurando sua mão enquanto os dois saíam do quarto.

Lhe pareceu um pouco estranho que Roier não foi procurá-lo em seu escritório para avisar que eles haviam chegado, e ele estava tão concentrado que nem percebeu que horas eram.

Durante o jantar Cellbit ouvia as histórias de seu passeio, ouviu como Pepito caiu diversas vezes pelo caminho e como se distraiu com as flores. Aparentemente os três se divertiram em família, algo que o deixa muito feliz, ele queria vê-los sempre rindo...

Pelo menos, em comparação com a época deles, eles tiveram um momento de paz.

Cellbit estava muito ansioso e se sentia patético pelo simples fato de se assustar com um encontro que antes não parecia importante.

Quando as crianças terminaram de comer, ambos os pais as levaram para seus respectivos quartos, certificando-se de que as crianças dormissem sem problemas.

Roier suspirou ao fechar a porta do quarto de Pepito, percebendo que seu corpo agora estava muito cansado de todo o dia que teve. Tudo o que ele queria naquele momento era deitar na cama com o marido, abraçado sob as cobertas enquanto eles sussurravam sobre o quanto se amavam.

E Roier estava convencido de que era isso que faria, mas ao entrar em seu quarto percebeu que Cellbit não estava lá.

Ele desceu rapidamente as escadas, observando o homem de olhos azuis voltar para seu escritório.

— Cellbit! — O moreno exclamou.

O brasileiro sentiu seu corpo inteiro tremer ao ouvir seu nome. Quando

ele se virou, seu rosto expressava nervosismo e ansiedade.

— O que houve, guapito? —Ele fez a pergunta e Roier finalmente parou na frente dele.

— Você vai continuar trabalhando? Por que você vai agora? Já está de noite e pensei... Como não temos conseguido passar muito tempo juntos recentemente, então pelo menos poderíamos descansar no nosso quarto, você não acha?

As bochechas de Roier ficaram vermelhas apenas por dizer algo tão brega como isso, mas ele estava sério, era o que ele mais queria naquele momento.

— Me desculpe, guapito… — O brasileiro olhou para baixo, focando em um livro que tinha na mão. — Agora preciso fazer uma coisa sozinho, mas vou tentar ser rápido, quando terminar eu vou subir e ficarei com você.

Roier sentiu seu coração parar quando viu Cellbit se virar e se afastar dele.

Isso NUNCA aconteceu, Cellbit nunca lhe negou nada, nunca pediu para ele ficar sozinho. Mesmo nas investigações mais importantes ele sempre o convidava a participar e pedia sua opinião, por isso nunca o ouviu dizer algo assim.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Cellbit já estava fora de sua vista, deixando-o no meio da sala, com a cabeça cheia de perguntas.

Por outro lado, Cellbit estava muito focado em sua missão, não é que ele não quisesse ficar com Roier, de jeito nenhum, era disso que ele mais gostava no mundo, mas se ele quisesse lhe dar um presente, ele teria que colocar toda a sua mente e esforço nisso.

Passou a maior parte da noite lendo um livro de receitas, vendo o que seria melhor preparar para ele.

Ela também consultou vídeos de culinária, fez anotações, teve que aprender tudo para preparar o bolo perfeito para Roier amanhã.

Finalmente eram 3 da manhã quando ele decidiu que era melhor descansar para estar pronto amanhã.

O grande dia…

A verdade é que ele teve dificuldade para dormir, então ficou olhando

para o rosto de Roier até que seus olhos não conseguissem mais ficar abertos.

Era hora de descansar.

E então, de madrugada, ele acordou assustado, pensando que havia dormido mais que o normal. Ele rapidamente trocou de roupa e desceu para ir para a sala de jantar, tudo estava tão quieto, estranhamente quieto.

Ele procurou em todos os lugares, verificou os quartos.

Ninguém estava em casa.

A princípio pareceu estranho, pois ele não sabia se Roier tinha planos para aquele dia, mas uma parte dele estava grata por estar sozinho, pois assim poderia preparar a surpresa para quando Roier voltasse.

E foi assim que ele começou a trabalhar.

Ela vestiu um avental de cozinha e preparou rapidamente suas anotações e a receita para começar a assar.

Era um bolo de chocolate com morangos.

No começo ele achou que seria fácil, acreditou que bastava seguir cada um dos passos à risca, mas quanto mais avançava, mais começava a se perder entre tantos ingredientes.

Ela nunca tinha feito nada, nem mesmo biscoitos, então era a primeira vez que fazia algo assim, o que explicaria por que ele fazia bagunça rapidamente; era muito difícil manter tudo limpo quando era preciso concentrar-se no bolo e terminá-lo na hora certa.

Finalmente, depois de horas de trabalho, ele conseguiu.

Ele teve que decorá-lo com muito cuidado e cometeu alguns erros no processo, mas o resultado não ficou tão ruim, até ficou delicioso.

Agora era só esperar.

Mas uma, duas, três, quatro horas se passaram.

Finalmente soaram cinco da tarde e ele não recebeu nenhuma mensagem de Roier.

Ela ainda teve que colocar o bolo na geladeira para não estragar de tanto esperar.

E, quando o brasileiro estava adormecendo à mesa devido ao cansaço, um barulho o surpreendeu.

Roier havia chegado, sem os filhos.

— Guapito! Você finalmente chegou. — Cellbit exclamou enquanto se levantava para se aproximar dele.

Mas então ele parou ao ver a carranca do moreno.

Foi muito difícil ver Roier irritado, ele sempre foi uma pessoa muito paciente e calma, mas agora parecia que não estava no seu melhor.

— Aconteceu alguma coisa? — O brasileiro perguntou enquanto se levantava.

Roier apenas evitou seu olhar e começou a caminhar ao redor da mesa, pronto para ir para seu quarto.

Isso deixou todos os seus sentidos alertas.

— Guapito! Você está bem? Aconteceu alguma coisa? — Cellbit o seguiu, subindo as escadas para tentar falar com ele. Os dois chegaram à sala e Roier parou, cruzando os braços.

— Ah, não sei, me diga, aconteceu alguma coisa que você não me contou? — O moreno se virou, com a testa franzida.

Essa pergunta deixou Cellbit tenso.

Ele estava com raiva dele? Teria Cellbit feito algo de errado? Seus dedos começaram a tremer um pouco só de pensar nisso, então seu olhar se encheu de medo.

Roier percebeu isso e suspirou, sentindo-se estressado.

— Você realmente não vai dizer nada sobre o quão estranho você está agindo?

— Eu… eu não sei do que você está falando — Sussurrou o brasileiro, tentando se lembrar de tudo que fez nos últimos dias.

Roier sentou-se na beira da cama, cobrindo o rosto com as duas mãos e respirando fundo antes de falar novamente.

— Ontem o Pepito ficou um pouco triste porque você não foi com a gente… Ele estava esperando você o levar para passear no jardim de amarantos que você contou para ele semanas atrás.

Ouvir isso fez o coração fraco de Cellbit se partir, ele havia esquecido completamente disso.

— E eu… bem, acho que é óbvio, certo? — Roier se virou para olhar para ele, sorrindo com uma visível tristeza nos olhos. — Você nunca me disse que precisava ficar sozinho, porque desde que voltamos daquele… lugar — Sua voz tremeu um pouco ao se lembrar da horrível e sangrenta ilha. eles aconteceram há alguns anos, o Purgatório. — Sempre trabalhamos juntos. — Finalizou a frase, suspirando ao perceber o quão sensível estava naquele momento.

Ele rapidamente se levantou novamente, forçando um sorriso e se aproximando delel Cellbit.

— No fim, não importa, não é grande coisa, tenho que preparar o jantar. — Sua voz voltou ao normal, como se o que aconteceu há poucos momentos não tivesse acontecido.

E isso assustou Cellbit.

Teve vontade de se dar um tapa, pelo simples fato de ter esquecido uma promessa tão importante quanto a que fez ao Pepito e também por ter acidentalmente feito o marido se sentir mal, mas sabia que a melhor forma de resolver era conversando.

Ele rapidamente se aproximou de Roier e agarrou seu pulso, olhando para ele com um leve sorriso.

— Vem comigo.

E Roier não podia dizer não.

Em questão de segundos os dois já haviam chegado à sala de investigação. O mexicano estava sentado à mesa da Cellbit, sem saber exatamente o que esperava.

O brasileiro pediu para ele esperar ali enquanto ia procurar alguma coisa lá em cima, então ele fez isso, olhando em volta em silêncio tentando lembrar quando foi a última vez que entrou ali. Depois de alguns minutos ele ouviu os passos de Cellbit e o viu entrar na sala.

Ele carregava um grande bolo nas mãos.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, observando enquanto ele se aproximava dele e colocava o bolo na mesa.

— Cellbit? Isso é por causa…? — Ele não conseguiu terminar a frase.

— Espere! Tem mais uma coisa — Cellbit o interrompeu e depois foi até algumas gavetas e procurou por algo.

Todas as cartas que ela havia escrito antes, todos os poemas e palavras de amor que ele havia guardado para seu esposo. Ele deu tudo para Roier.

O mexicano segurava várias folhas de papel nas mãos, completamente perplexo e confuso.

— Guapito, preciso que você me escute — Cellbit ficou na frente dele, colocando a mão em seu peito, bem onde estava seu coração.

Roier não disse nada, apenas olhou para ele em silêncio.

— Acho que já está muito óbvio que você é a primeira pessoa que me fez sentir tão feliz em toda a minha vida, nunca tinha me apaixonado, então nunca havia sentido medo de não ser o suficiente… Você me ensinou muitas coisas. Você me fez conhecer uma versão de mim mesmo que eu não conhecia, uma que quer viver uma vida com sua família e, bem, passar todos os meus anos com as pessoas que amo.

Os lindos olhos castanhos de Roier brilharam olhando diretamente para ele, e embora você não pudesse dizer, suas pupilas dilataram como se ele estivesse olhando para a pessoa mais linda do mundo, *o que era verdade.*

— O que eu quero dizer é… eu te amo.

Roier sentiu como se todos os seus pensamentos evaporassem, repetindo apenas aquela frase no fundo de sua mente.

— Feliz Dia dos Namorados.

Depois disso, a última coisa que Cellbit lembra é de Roier se levantando e se jogando em seus braços para encher seu rosto de beijos, ignorando completamente o bolo, pois seu amor já era doce o suficiente para ele. Depois disso os dois conversaram, e Cellbit confessou tudo o que estava acontecendo, como ele havia ficado assustado porque era seu primeiro Dia dos Namorados

com ele, e como ele não queria estragar tudo, mas no final, se eles estivessem juntos então nada poderia dar errado.

What is
Love?
comfymoth

From My Heart

Escrito por Bonnie, traduzido por Humanaaa

— O que é o amor?

Cellbit levantou uma sobrancelha enquanto olhava para Felps, que estava sentado em sua cama com os joelhos encostados em seu peito.

— Hã? Por que você tá perguntando isso *agora?*

Com um leve resmungo, Felps deu de ombros. — Bem, você não falou nada faz duas horas agora, e se eu passar mais um segundo sozinho nos meus próprios pensamentos, eu acho que vou endoidar.

Justo. Cellbit parou de contar os segundos faz muito tempo e perdeu a noção de quantos dias ele e Felps estavam presos nessa gaiola de vidro. Ele estava mesmo encarando através do vidro, para os corredores escuros abaixo, por duas horas agora?

Ele ponderou por um momento. O que é o amor? Parecia bastante simples, mas Cellbit não conseguia pensar em uma resposta.

Cellbit viu a claridade de suas roupas brancas em seu reflexo. Ele franziu a testa e desviou o olhar. — Isso importa?

— Claro que importa. Humanos foram feitos para amar e você é humano também, você pense assim ou não.

Cellbit levantou uma sobrancelha para seu melhor amigo. — Desde quando você ficou tão sentimental?

— Provavelmente depois que Cucurucho me raptou da ilha e me jogou em um dos laboratórios subterrâneos deles lá — Ele coçou suas calças brancas. — Ou talvez depois que você apareceu com essa mecha branca. É difícil dizer.

Na menção da dita mecha, o detetive pegou seu cabelo e esfregou os fios brancos entre os dedos. Uma parte de si mesmo torcia que a cor desaparecesse como giz. Outra parte o dizia que isso nunca aconteceria.

Já que Felps estava o olhando com mais expectativa do que ele já teve nos últimos dias, Cellbit decidiu pensar mesmo seriamente sobre essa pergunta.

Amor. O que é o amor? Imagens passaram por sua cabeça. Ele viu as terras devastadas, e sentiu a mão de um demônio bagunçar seu cabelo. Ele viu as grades frias de uma prisão, e podia sentir o gosto de sangue fresco em sua língua. Ele viu as belas flores azuis de um campo, e o sorriso dentuço de um pequeno dragão criança. Ele viu grandes olhos castanhos e um sorriso agradável.

Arrancando um de seus fios de cabelo brancos, Cellbit o encarou e observou o fio brilhar contra sua pele. Assim que ele abriu a boca para responder, ele foi interrompido por Felps gritando: — Olha, eles tão aqui! Eles nos encontraram!

O quê?

Cellbit podia escutar seu coração batendo em seu peito enquanto ele virou e viu a multidão começar a se aglomerar nos corredores antes escuros e silenciosos. Houve caos imediato, com gritos ecoando e lâminas se chocando.

E então a parte pegajosa de um gancho de agarrar voou em direção ao vidro e se grudou nele, antes de uma voz, que estava fora de sua vista, começar a gritar.

— Cellbo! Cellbo! Cellbo!

Sem pensar, Cellbit pressionou suas palmas contra o vidro e respondeu em português com um grito. — *Aqui!*

A cabeça de Roier apareceu de baixo, e por um segundo Cellbit viu aqueles olhos castanhos brilhantes que ele passou a adorar, até o gancho escorregar e o mexicano acabar caindo no chão.

Inicialmente cheio de preocupação, Cellbit relaxou quando viu a figura de Roier no chão. Era fácil o identificar na multidão. Como ele não poderia, quando ele era tão radiante quanto o sol, seus raios perfurando as noites mais escuras?

Roier gritou enquanto atacava criaturas, o sangue deles pintando sua espada e roupas de vermelho. Seus olhos, normalmente brilhantes com vida e radiantes de alegria, tinham um tom de vermelho. Eles queimavam com fúria e raiva e algo indizível.

E então Cellbit sentiu uma onda, enquanto todos os seus sentimentos anteriores de desesperança e pavor depois de passar por todos aqueles testes

todos os dias finalmente saírem de seu sistema.

Porque eles estavam aqui. *Roier* estava aqui.

Reencontrando sua voz, Cellbit gritou a plenos pulmões. — *Guapito!*

Roier cortou um zumbi no meio com sua espada, e gritou enquanto desviava da flecha de um esqueleto: — *Gatinho, voy por ti!*

Talvez houvesse esperança afinal.

Os resgatar trouxe muitos desafios, mas eventualmente o grupo conseguiu cavar um buraco no teto da caixa de vidro e eles conseguiram escalar para a superfície. Cellbit se levantou da terra, fechou os olhos e sentiu a luz do sol em seu rosto. Ele respirou fundo. O ar estava fresco com o aroma de plantações e folhas.

Com a quantidade de tortura que ele sofreu nessa maldita ilha, Cellbit nunca achou que ficaria tão feliz em a ver em toda sua glória.

Uma coisa a levou a outra, e agora eles estavam brincando por aí na Favela. No meio da celebração, Cellbit não conseguiu trocar de roupa. Ela era incrivelmente branca, um lembrete severo de todo o sofrimento que ele passou nas mãos da Federação. Ele não gostava do quanto ele parecia com aquele merda do urso.

Mas ele não teve a coragem de simplesmente ir embora enquanto todo mundo estava comemorando o retorno dele e de Felps, então Cellbit decidiu lidar com isso mais um pouco. Além disso, Roier estava usando uma roupa completamente diferente. Em vez de sua combinação de sempre de moletom vermelho do Homem-Aranha e jeans, o mexicano estava usando roupas que pareciam uma extensão do traje costumeiro de Vegetta. Isso fez Cellbit se perguntar o que aconteceu exatamente durante sua ausência, mas ele sabia que não era hora para isso.

A maioria das pessoas acabou se dispersando depois da grande missão de resgate, e Cellbit se encontrou em um pequeno grupo de pessoas que consistia

de; Pierre, Foolish, Leonarda, Richarlyson, Felps, Roier e o próprio Cellbit. Eles estavam à toa na área do terraço perto da muralha que antes costumava dividir a ilha em duas áreas.

Em um ponto de suas conversas sem sentido, Richarlyson colocou uma placa. É claro, enquanto os outros continuavam conversando, Cellbit estava ao redor de seu filho, esperando por suas palavras. Eventualmente, Richarlyson se afastou da placa, e mostrou a todos o que ele queria dizer.

Pai o titio roier e vc vão se casar :D

Cellbit engasgou na própria saliva, e então exclamou: — O quê? A gente vai se casar?! Calma lá!

Suas palavras chamaram a atenção de Roier.

— *Como?* — gritou o mexicano em espanhol, que parecia estar achando graça das palhaçadas de Richarlyson mais do que qualquer outra coisa.

O ovo brasileiro rapidamente colocou mais uma placa, que dizia: *foi decidido 2 dias atrás.*

Como Richarlyson era um ovo ambulante, ele não tinha rosto. Cellbit, entretanto, conseguia ver o sorriso arteiro escondido atrás daquela casca.

Sinceramente, ele amava Richarlyson com cada célula de seu ser, mas às vezes ele não tinha ideia do que o pequeno ovo estava falando–porque dois dias atrás, Cellbit estava trancado no porão da Federação, e se tornou vítima do que quer que tenham feito com ele lá embaixo. Experimentos? Lavagem cerebral? Ele não tinha ideia, mas aquilo foi o suficiente para criar uma mecha branca em seu cabelo castanho.

Voltando ao problema em questão, Cellbit riu secamente às palavras de seu filho ovo. Balançando a cabeça, ele balançou as mãos a redor. — Tá, foi decidido por quem?

Sua pergunta foi respondida por um silêncio mortal de Richarlyson. De alguma forma, Cellbit simplesmente sabia.

— Você nem tava aqui — Felps apontou com um dedo levantado. O sorriso atrevido em seu rosto era quase equivalente à expressão hipotética de Richarlyson. — Mas parece que cê vai casar, Cellbit?

Cellbit olhou feio para ele, antes de suspirar. — Eu não sei, parece que–

É claro, a opinião mais importante não era só dele, mas também a da outra metade do casal de aparentemente noivos. Roier ficou de pé ali com um grande sorriso em seu rosto e ria do jeito que Richarlyson pulava em volta de suas placas. Por algum motivo, ele não parecia tão incomodado com a ideia quanto deveria.

Mesmo assim, Cellbit preferiria que Cucurucho passasse uma motoserra pelo seu corpo de novo do que Roier sentisse qualquer tipo de desconforto, então ele tinha que acertar as coisas com ele.

Naquele momento, uma onda de emoções inundou Cellbit. Embora todos os moradores da ilha celebrassem o resgate bem-sucedido de dois dos seus, o brasileiro nunca teve a chance de comemorar suas próprias vitórias pessoais; isto é, finalmente se reunir com seu filho Richarlyson e seu… *Guapito,* Roier.

Ver Roier em carne e osso, todo sorridente e corado enquanto ria com vontade, fez Cellbit perceber que sua ausência perfurou um buraco em seu peito, atravessando seu coração e fazendo-o sangrar até a última gota de sangue. Era um certo tipo de vazio que o fazia sentir dor, como se ele tivesse sido despojado de tudo e não fosse nada além de uma casca do homem que costumava ser.

Talvez ter sido mantido em cativeiro pela Federação tinha tido mesmo seus efeitos, porque nem mesmo os sonhos constantes de ouvir a voz de Roier podiam o livrar dessa dor.

Ao mesmo tempo, era o pensamento de encontrar seu Guapito de novo que manteve Cellbit são.

Roier estava aqui agora, depois de derrotar dúzias de bestas em seu nome, então Cellbit tinha que o agradecer de alguma forma. Afinal, ele era a única pessoa que confiava nele antes do sequestro e era o único motivo pelo qual ele não enlouqueceu totalmente durante a infiltração. *Como é que ele não tinha agradecido ao mexicano por tudo ainda? Ele era um idiota?*

Abrindo sua boca para falar, totalmente decidido em jorrar seus agradecimentos, a mente de Cellbit estava uma bagunça de pensamentos, e ele acabou dizendo: — Você quer se casar?

Naturalmente, Roier olhou ele com olhos arregalados. — Hã?

Bem, merda. Mas que bom trabalho do caralho, Cellbit. Você acabou de estragar tudo, olha só como Roier está desconfortável agora.

Ao fundo, Foolish estava com um grande sorriso enquanto gritou: — Tarde demais, você já pediu ele em casamento!

Depois de brevemente se pôr em dia nos eventos que transpiraram na ilha durante sua ausência, Cellbit agora estava ciente que Foolish e Vegetta adotaram Roier como filho–o que significava que Foolish era agora pai de Roier e um sogro em potencial. Espera, quê? Esquece isso. Ele estava se precipitando demais.

Foolish provocando sobre o possível casamento de seu filho adotivo era uma ação impensada que não era surpreendente para seu caráter. Mesmo assim, será que isso significava aprovação? Em uma situação hipotética em que Cellbit pedisse de verdade a mão de Roier em casamento, será que ele facilmente ganharia a aceitação de sua família?

Ok, *por que* ele estava sequer pensando nisso? Era tudo um mal-entendido, enraizado por uma pegadinha doentia feita por Richarlyson. Ele vai ter que ensinar seu filho sobre a importância de limites mais tarde.

Primeiro, ele tinha que esclarecer as coisas com Roier primeiro. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, entretanto, sua linha de raciocínio foi interrompida quando o mexicano exclamou alto.

— Espera! — Levantando a mão, Roier estufou uma de suas bochechas e apontou para um de seus dedos. — Eu não tenho um anel no meu dedo, viu?

As palavras de Roier interromperam as conversas caóticas ao redor deles, e de repente a área inteira ficou mergulhada em um silêncio mortal. Ninguém disse uma palavra por um longo momento, até Richarlyson usar seus pequenos bracinhos para alcançar a mochila pendurada atrás de seu corpo de ovo e começou a vasculhar dentro dela.

Eventualmente, Richarlyson tirou um diamante e o jogou em direção de Roier, que facilmente pegou a jóia em suas mãos, graças a seus sentido aranha. Ele semicerrou os olhos e levantou o diamante contra a luz. Depois de um longo momento o examinando, ele ciciou.

— Não, não, isso é um diamante — Roier balançou a cabeça em desaprovação, mas o colocou em seu bolso.

Percebendo que Roier estava provavelmente entrando na onda da pegadinha, Cellbit começou a vasculhar algumas de suas coisas, em busca de um anel improvisado, e todos os outros também. Em certo ponto, alguém sugeriu usar uma rosquinha em vez disso.

Era uma ideia ridícula, então Roier acabou rindo com a sugestão. — Ei, que tal a gente dizer para o Quackity nos mandar algumas receitas para craftar? E então a gente vai poder fazer alguns anéis de verdade, certo, Cellbo?

Estranho. Quase parecia que Roier não estava brincando, e que ele estava realmente considerando a ideia de se casar com Cellbit–o que era ridículo. Por que o sol iria querer estar com a lua? Por que alguém que só conhecia a gentileza querer estar ligado a alguém que vivia com violência em sua vida?

Antes de Cellbit se infiltrar na Federação, Roier era a única pessoa que o escutava. Ele era a única pessoa que sabia de seu plano e, com base em como todos interagiam com ele, era óbvio que ninguém soube antes de suas cartas serem encontradas.

Por que Roier confiaria nele tanto assim? Talvez fosse porque ele prometeu trazer Bobby de volta? Isso faria sentido, mas ele também falhou em cumprir sua promessa. E mesmo assim aqui estava Roier, brincando com a possibilidade de casamento.

Os pensamentos de Cellbit estavam todos bagunçados. Mais uma vez, ele foi lembrado da pergunta ardente de Felps: O que é o amor?

O amor é paciência. Era a companhia de Roier, então prometendo que ele esperaria pelo retorno de Cellbit depois de ter contado que ele precisava de tempo.

O amor era gentil. Era Roier oferecendo sua gentileza, apesar da ilha inteira o considerar como vilão.

Ele não se alegra com más ações. Era Cellbit vivendo os dias mais sombrios de sua vida sob a vigilância da Federação, com os pensamentos de retornar a Roier e receber a companhia que ele prometeu que o manteve são.

Mas se alegra com a verdade.

Algo floresceu dentro de Cellbit, abraçando seu peito em um abraço quente. Era um sentimento que ele nunca pensou que conheceria. Com seu

coração em mente e seus pensamentos dispersos, ele deixou tudo escapar.

— Você quer casar comigo?

Roier o encarou. Por um momento fugaz, Cellbit considerou a rejeição. E se tudo isso fosse uma coisa unilateral? E se o mexicano estivesse apenas sendo gentil?

Suas dúvidas foram esmagadas quando seu *Guapito* sorriu para ele com bochechas coradas e disse: — Ok.

Comemorações irromperam da multidão. Richarlyson lançou fogos de artifício para o ar. De alguma forma, uma data, hora e local para o casamento já estavam decididos. No meio da celebração deles, Cellbit e Roier deram as mãos. Era algo que eles fizeram várias e várias vezes, mas parecia diferente dessa vez.

Quando Roier foi deixado em casa, a lua cheia estava brilhando intensamente no céu noturno. Enquanto caminhavam pelas ruas da Favela, Cellbit virou para Felps, que estava olhando para cima e falando sobre a vista das estrelas.

— É o Roier.

Felps piscou, e então o encarou com uma sobrancelha erguida. — Hein?

— Lá na caixa, você me perguntou o que é o amor — Cellbit inclinou a cabeça para cima, e descobriu que mal haviam estrelas para formar constelações. — É o Roier. Tudo que ele é, e tudo que ele será como meu marido… É isso que é o amor, não é?

Ele recebeu silêncio, até Felps franzir a testa para ele. — Isso é meigo e tudo mais, mas quando foi que eu perguntei isso?

Cellbit a princípio estava perplexo, até ele relembrar o olhar morto nos olhos de Felps e riu.

— Não é nada.

Com o passar do tempo, Cellbit aprenderia o sentimento do amor cru e da amarga dor no coração, mas no fim de tudo, ele tinha Roier ao seu lado.

E realmente, isso era mais que o suficiente.

HeroDZN

Devaneio

Escrita por Nan

Roier não conseguia acreditar nos próprios olhos. As palavras escritas na carta que pareciam prestes a engoli-lo a qualquer momento estavam sendo um pouco demais para digerir. Quando ele acordou naquele dia, teve o pressentimento de que havia algo de errado, mas decidiu não pensar nisso e seguir com seu dia se vestindo assim como seu ídolo e pai adotivo, procurando ignorar o amargo em sua boca que aquela manhã atípica havia causado. Estava tudo indo muito bem em sua honesta opinião.

Até ele ser informado que Cellbit foi levado pela Federação, e que existia uma carta endereçada a ele junto com outras cartas dedicadas à pessoas importantes para o investigador.

O rapaz tentou não se deixar levar pelas borboletas que brotaram em seu estômago ao ser informado que ele era especial para o brasileiro que há tanto tempo almejava, principalmente porque a revelação veio com a notícia que Roier podia muito bem ter perdido Cellbit antes de sequer tê-lo, e ele não estava sabendo lidar com essa possibilidade. Não, não podia ser. Ele estava sendo paciente e dando Cellbit seu tempo porque ele via que era necessário, principalmente depois de tudo que começou a acontecer e o plano que o investigador arquitetou para tentar ir contra a Federação. Roier pensou diversas vezes durante seu luto se era errado aceitar o convite de Cellbit de ir até ele quando se sentisse sozinho, se ele estaria perturbando, sendo um peso. Era inevitável sentir receio depois de tantas experiências amargas com as amizades e até mesmo quedas que ele teve naquela ilha, então ele não fez nada além de oferecer um apoio a Cellbit como podia em meio ao turbilhão de dor e desespero que ele estava sentindo desde que Bobby lhe foi arrancado.

E agora, enquanto lia as palavras de Cellbit naquela carta, tudo que Roier conseguia sentir era arrependimento por ter desperdiçado tempo importante, principalmente tendo em vista que aquela carta deixava bem claro que seus sentimentos não eram tão unilaterais quanto ele pensava.

Roier sentiu seus olhos se inundarem de lágrimas quando ele leu aquela frase. A frase que não era um “eu te amo” ou um “eu te quero”, mas que

definitivamente carregava o peso daquelas palavras tão poderosas ditas de uma forma muito mais significativa para um homem que, há alguns dias, não conhecia nada além de solidão.

"Eu queria ter sido a pessoa que te ajudaria a não se sentir mais só."

Roier sentiu vontade de gritar. Que tipo de piada de mal gosto era aquela? Primeiro lhe tiram seu filho, depois de fazer tanto ele quanto Jaiden de idiotas lhes dando a esperança que teriam Bobby de volta, e agora lhe tiram a única pessoa que estava mantendo ele relativamente são naquele maldito lugar? Roier apenas soltou uma risada de desespero, apertando firmemente os amarantos entre seus dedos e lutando contra a vontade exacerbada de simplesmente pular do Cristo e acabar com aquela dor absurda de uma vez.

Não que isso fosse adiantar alguma coisa, já que por alguma questão sádica que ele ainda não compreendia, ninguém além das crianças realmente podia morrer naquele lugar, mas o sentimento estava ali, devorando tanto sua mente quanto seu coração enquanto suas lágrimas escorriam pelo seu rosto apático e molharam o papel da carta de despedida de seu Gatinho.

O dia seguiu como planejado, e assistir seus pais apaixonados enquanto se divertiam na aventura em família daquela tarde apenas apertou ainda mais o coração de Roier dentro de seu peito. Obviamente ele se sentia muito feliz em ter uma família com os Brown De Luque, mas o sentimento amargo de que ele nunca seria permitido ter o que Vegetta e Foolish tinham era absurdamente presente, tanto que em certos momentos Roier tirava a foto que Cellbit havia deixado para ele dentro daquele baú para fitá-la com olhos tristes.

Ver os sorrisos de Bobby e Cellbit naquela foto era mais do que o suficiente para conjurar lágrimas nos olhos do Mexicano desolado, que, como sempre, tentava mascarar a dor quando seus pais adotivos perguntavam se estava tudo bem. Era um dia especial em família que ele não queria deixar o clima pesado por causa de seus próprios problemas.

Mas quando a solidão veio, e ele se viu sozinho naquele gigantesco castelo que construiu para um filho que já não estava mais ao seu lado, o rapaz se sentiu razoavelmente claustrofóbico, e só conseguiu pensar em uma pessoa para conversar em um momento tão doloroso como aquele.

Alguém que não apenas conhecia muito bem a sua dor, como também a compartilhava.

— Mas Roier, você tem certeza que foi a Federação que fez algo com ele? Achei que o Cellbit estava trabalhando para eles…

Ele suspirou pesadamente, voltando a cabeça na direção de Jaiden, cuja expressão preocupada era um reflexo da sua.

— Não era bem isso, Jai. Era um plano, ele queria se infiltrar e descobrir como destruir eles por dentro.

— Oh — Jaiden cobriu a boca, pega de surpresa. — Então ele nunca…?

Roier balançou a cabeça negativamente.

— Era perigoso, e ele sabia disso, mas precisava tentar. Pelo que eu entendi a última gota d'água foi o que houve com o Bobby — ele comentou, para então assistir a expressão de Jaiden se tornar triste — Desculpe.

— Não, tudo bem — ela suspirou, esfregando o braço. — Isso foi muito nobre da parte dele, mas por que não dizer nada para ninguém?

— Perigoso demais, eu acho. Nem mesmo para mim ele quis falar o que realmente estava fazendo, ele só me explicou alguns fragmentos do plano, e pediu a minha confiança.

— Provavelmente tinha medo de você ficar no fogo-cruzado caso algo acontecesse.

— Sim, provavelmente — Roier olhou para a frente, encarando a estátua de Bobby no pátio de seu castelo, onde ele e Jaiden decidiram sentar para conversar. — Funcionou, eu acho. Já fazem 24hrs desde o desaparecimento dele, e nem a Federação ou o Cucurucho me abordaram.

— Você acha que ele está bem?

Roier tornou a fitá-la, taciturno.

— Eu não sei, Jai — ele confessou, e sua voz tremeu. — Estou com medo de descobrir.

O sorriso que apareceu nos lábios de Jaiden era tão triste quanto seus olhos.

— Você gosta dele, não gosta?

Roier imediatamente cobriu o rosto com as mãos, tentando esconder o rubor que pintou suas bochechas.

— Eu sou tão óbvio assim?

Jaiden riu fracamente.

— Não mais do que ele, eu diria. Vocês são um par deveras interessante, e já existem fofoquinhas entre os outros ilhéus sobre como ele te olha como se você carregasse a lua e as estrelas nos olhos.

Roier sentiu seu coração acelerar dentro de seu peito e voltou a encarar a amiga com uma expressão envergonhada.

— Ay, enserio?

Jaiden assentiu, entretida.

— É adorável, honestamente. Me surpreende que você nunca tenha notado.

— Uh, é que eu não queria me precipitar em presumir os sentimentos dele — Roier esfregou o pescoço, acanhado. — Cellbo é um homem enigmático, ainda estou aprendendo a decifrar o jeito que ele pensa.

Roier então se lembrou o porquê dele estar conversando com Jaiden, e fechou os olhos quando sentiu as lágrimas lhe embaçarem a visão.

— Digo, estava aprendendo… Agora eu já não sei.

— Roier — Jaiden segurou sua mão, o obrigando a fitá-la novamente. — Se a Federação realmente descobriu os planos dele e o levou, então isso significa que existe uma chance dele estar vivo. Você sabe como eles funcionam, e tenho certeza que o Cellbit é muito mais útil para eles vivo do que morto.

Roier soltou uma lufada de ar trêmula.

— Você acha?

Jaiden assentiu.

— Eu tenho meus motivos para saber como são, e o Cucurucho apesar de… mal interpretado pela maioria das pessoas, é alguém bom. Tenho certeza que ele está bem, talvez só sofrendo alguma punição por insubordinação.

— Hm, é, você tem um ponto — Roier anuiu, determinado. — O que significa que meu Gatinho está em algum lugar dessa ilha, apenas esperando para ser resgatado.

— Creio que sim, e então — Jaiden deu um empurrãozinho leve de ombro em Roier — o que você vai fazer sobre isso?

O sorriso que se espalhou pelos lábios do guerreiro mexicano era resplandescente.

— Oras, salvar o meu futuro namorado, é claro.

A batalha foi árdua, mas apesar de estar um pouco enferrujado pela falta de uso dos seus músculos para isso em específico, Roier tirou de letra todos os obstáculos que foram colocados entre Cellbit e si.

A Federação achou de bom grade esconder tanto ele quanto seu amigo Felps extremamente longe de onde o centro da ilha se encontrava, mas isso não deteve Roier, que em breve alcançou a localização das coordenadas junto aos outros e entrou nas cavernas frias onde os prisioneiros da Federação estavam sendo mantidos. A presença de monstros não surpreendeu Roier, tendo em vista que ele sabia muito bem do que a organização era capaz quando se tratava de tentar manter as pessoas longe de seus objetivos, e Roier estava vidrado demais em salvar Cellbit pra sequer pensar em qualquer outra coisa que não fosse:

— GUAPITO!

— *GATIÑO, VOY POR TI!*

E tudo, absolutamente tudo, que se atreveu a ficar entre ele e o brasileiro, foi completamente *dizimado* pela espada de diamante do combatente.

Quando ele conseguiu guiar Cellbit e Felps para a liberdade, tudo que Roier conseguia pensar era em limpar o resto do caminho e não permitir que Cellbit saísse de seu campo de visão, o que foi ideal tendo em vista que Cellbit acabou se perdendo no labirinto que era aquele lugar, e apesar de querer muito

apenas parar tudo e abraçar Cellbit com toda força e alívio imagináveis, Roier se manteve firme em seu foco. Eles ainda não estavam longe do perigo, e ele não descansaria até Cellbit estar cem por cento salvo e reunido com seu filho novamente.

A foto que ele sempre mantinha no bolso era uma motivação perfeita para que ele conseguisse isso com louvor, e dentro de alguns poucos minutos, eles finalmente estavam de volta ao centro da cidade, onde ele eventualmente conseguiria puxar Cellbit para um canto e conversar com ele sobre tudo que estava em sua mente e coração.

Bem, esses eram os planos, até Richarlyson dar a cartada mestre de simplesmente dizer que ele e seu pai iriam se casar.

Por Díos, que?!

Roier olhou para Cellbit em pânico, esperando encontrar uma expressão de desgosto e até mesmo nojo estampada em sua linda face, mas foi pego de surpresa pelo rubor adorável que pintou tanto suas bochechas quanto ponta do nariz, enquanto ele se voltava para Roier com olhos esperançosos.

E foi então que tudo que Roier achou que sabia sobre a vida, foi completamente virado de cabeça para baixo, assim que Cellbit o pediu em casamento da forma mais boba e mais *eles* possível: com uma singela rosquinha oferecida por Richarlyson.

Ele quis chorar, gritar, correr em círculos, tudo ao *mesmo tempo,* mas se contentou em puxar o investigador e capturar seus lábios em um intenso e desajeitado beijo, que fez todo em volta deles uivarem ensandecidamente em comemoração. Cellbit alegremente retribuiu o beijo, suspirando contra a boca de Roier e permitindo que os dois entrassem em um mundo próprio de sonhos que eles agora compartilhariam juntos.

E na próxima vez que Roier abriu os olhos, ele estava frente a frente com Cellbit no dia do seu casamento, os dois transbordando ansiedade e alegria enquanto o padre os unia em matrimônio perante a todos.

Roier sorriu, e quando as últimas palavras do padre foram ditas, ele felizmente selou os lábios de seu marido.

Entretanto, quando Roier abriu os olhos novamente, o cenário estava muito menos feliz e convidativo. Ele olhou em volta, confuso, entendendo

muito bem onde estava quando notou o céu vermelho do Purgatório se estendendo acima de sua cabeça e seus pés fazendo a madeira do barco ranger abaixo de si. Roier ofegou, correndo até a lateral do barco e gritando o nome de seu marido em desespero, mas nada viu. Richarlyson estava morto, Jaiden desaparecida, E Cellbit não estava no barco, então quando a bomba incinerou toda extensão da ilha tudo que Roier conseguiu fazer foi berrar de dor e desespero, já que mais uma vez ele permaneceu vivo enquanto sua vida ruía a sua volta.

O cenário mais uma vez mudou quando ele abriu os olhos, e a visão se tornou ainda mais aterradora. O teto de metal foi a primeira coisa que ele identificou, e quando sua visão turva se limpou um pouco, tudo que ele conseguiu ver foram os sorrisos odiosos tanto de Doied quanto de Osito, pairando sob sua cabeça com intenções questionáveis. Roier tentou falar alguma coisa, suplicar que o deixassem ir, mas tudo que saiu de sua boca foram gemidos de dor, que foram completamente ignorados pelos cientistas que injetaram sedativos em suas veias novamente, e tudo voltou a se apagar.

Naquele ponto, Roier já não queria mais abrir os olhos. Ele havia perdido tudo, inclusive a si mesmo, e agora ele já não sabia se tinha mais volta. Talvez devesse se deixar consumir pela escuridão, quem sabe dessa forma ele encontraria Cellbit novamente? É, era uma boa ideia. A única ideia que fazia sentido no momento, e talvez ele-...

— …to… acorda…

Uh? Roier franziu a testa. Essa voz…

— *… Guapito, é um pesadelo* — a voz tornou a ecoar em sua mente, dessa vez mais clara. — *Acorda!*

Roier ofegou, e quando seus olhos se abriram transbordando todo pânico que estivera sentindo nos últimos minutos, tudo que ele encontrou foi a imensidão azul mais linda que ele já teve o prazer de ver em toda sua vida.

Os lindos olhos de Cellbit, que o fitavam em aflição.

— C-Cellbit…?

— Guapito, caramba, você me assustou — Cellbit respirou em alívio, sorrindo gentilmente e acariciando a bochecha húmida do mexicano. — Que diabos de pesadelo foi esse? Você faltou cair da cama de tanto se debater.

— Cama…? — Roier olhou em volta, encontrando paredes beges e o ambiente reconfortante que era o quarto que os dois compartilhavam.

Subitamente, sua mente foi invadida com todas as memórias do que aconteceu depois das artimanhas de Doied. O resgate, o combate contra os ursos, a aparição do *Watcher,* a fuga pelo barco, e até mesmo a revelação de Esperanza, que junto a Richas e Pepito, virou o centro da vida daqueles dois jovens e carinhosos pais.

Ele estava bem, eles estavam bem, e todo turbilhão que Roier havia acabado de presenciar não passava de memórias referentes a tempos distantes.

— Ay, gatiño — Roier suspirou pesadamente, puxando Cellbit para um abraço apertado. — *Me alegro tanto de verte.*

— Está tudo bem, Ro — Cellbit assegurou, o abraçando de volta e acariciando suas costas. — Você está comigo, estamos em casa, e as crianças estão dormindo em seus respectivos quartos. Quer ir lá conferir?

— *No, no, te creo* — Roier assegurou, se afastando do abraço e sorrindo para o marido. — *Gracias, te amo.*

O sorriso de Cellbit era cegante. Ele selou os lábios de Roier rapidamente em um beijo gentil, e então o puxou para seus braços, permitindo que o rapaz descansasse a cabeça em seu peito enquanto ele acariciava as macias madeixas de Roier.

— Eu também te amo, meu amor. Agora dorme, eu estou aqui, e nunca mais irei a lugar algum sem você.

Roier assentiu contra o peito de Cellbit, fechando os olhos e sentindo paz e segurança o invadirem enquanto seu marido cantarolava a música que dedicou a eles em seu casamento.

I found a reason for me

To change who I used to be

A reason to start over new

And the reason is you

Roier sorriu, e o beijo carinhoso de Cellbit no topo de sua cabeça foi a última coisa que ele sentiu antes de ser tomado pelos sonhos novamente.

E dessa vez, não houveram pesadelos.

The Reason is You

Lywit

bubuluwoo

bo0max

K:600
G:550
Blur

Amaiumi

The Reason is You.

Contribuidores

Tradutores

Humanaaa

humanaaa
@aaahumanaaa

Binks

@binksrab ou @binks_paki

Duck

@quack_.ssr
@Sunduckman

Foschie

foschiesleepy
@foschiesleepy

Yuu Chida

hirudinyuta
@hirudinyuta

Ámbar

@yowaitsu_

Ravi

@cellorionn

Nicolás
Ivan Herrera

ivenvodka
@ivenvodka

Artfulstar

artfulstar
@artyfulstar

rlyPan

@rlyPan

Escritores

Max
dewdropple

LisannAlt
@LisaanAlt

Shlook
shlooksnook
@shlooksnook

Annah
@baghswift

Nonny
@Nonny_mo

A.D.
@anonymous-dentist

Chini
@CappuChini_

Dove
@strwhnn

Y
@tubaroier

Nan
@Nan_Yelo

Justsolbtw
@justsolbtw

Bonnie
@mamadisimoier

Ámbar
@yowaitsu_

Artistas

FayeFable Illustrations
- fayefableillustrations
- @fayefableart

Agatha
- Chillqu33n
- @chillqu33n

brayy_over
- @brayy_over

Moonesaiky
- @Moonesaiky

Arctica TheFox
- @ArcticaTheFox

Izzy
- @_elzzy

vynlets
- vynlets

Nickzw_
- @Nickzw_
- @nickzw__
- nickzzzw

Insomniackel
- insomniackel

Nat
- @Naatkd
- @nat_tkdar
- nattkd

soup--champ
- soup--champ

maiatck
- @maiatck

HeroDZN
- @Hero_DZN

Artistas

Yorancy_

@Yorancy_

Blur

@izukapple

b00max

@bo0max

wisseryrot

@wisseryrot

bubuluwoo

@bubuluwoo
@bubuluwoo

Rainy-day-wizard

rainy-day-wizard

Lywit

@LywitArt

Kiwi

@kiwi_c0la

AmaiUmi

@AmaiUmi_

comfymoth

comfymoth

Designers

Kim

@nonobarks

Garden

flowergardeninthewall